

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLMOUCI

Filozofická fakulta

MAGISTERSKÁ DIPLOMOVÁ PRÁCA

Olomouc 2024

Bc. Michael Mačica

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

Filozofická fakulta

Katedra romanistiky

O homoerotismo em contos escolhidos de Caio  
Fernando Abreu

Homoeroticism in Caio Fernando Abreu's Short  
Stories

(Magisterská diplomová práce)

Autor: Bc. Michael Mačica

Vedúci práce: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Olomouc, 2024

### **Čestné prehlásenie**

Prehlasujem, že som túto bakalársku prácu vypracoval samostatne pod odborným vedením PhDr. Zuzany Burianovej, Ph.D. a uviedol v nej všetku literatúru a ostatné zdroje, ktoré som použil.

Olomouc, 08.05.2024

.....

podpis

## **Pod'akovanie**

Moja vd'aka patrí PhDr. Zuzane Burianovej Ph.D., ktorá ma pri písaní mojej magisterskej diplomovej práce viedla, dávala cenné rady a pripomienky. Moja vd'aka taktiež patrí aj mojej rodine, partnerovi a priateľom za pomoc a podporu či už pri písaní tejto práce, ale aj počas celého štúdia.

# Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>1. Estudos gays e queer .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1. Início dos estudos gays .....</b>	<b>11</b>
<b>2. Problemática da LGBT nos Estados Unidos.....</b>	<b>16</b>
<b>3. Problemática da LGBT no Brasil .....</b>	<b>21</b>
<b>4. Literatura gay brasileira .....</b>	<b>30</b>
<b>5. Caio Fernando Abreu .....</b>	<b>35</b>
<b>6. Análise.....</b>	<b>38</b>
<b>6.1 “Uma história de borboletas” .....</b>	<b>39</b>
<b>6.2 “Caçada” .....</b>	<b>44</b>
<b>6.3 “Além do ponto” .....</b>	<b>48</b>
<b>6.4 “Terça-feira gorda” .....</b>	<b>54</b>
<b>6.5 „Linda, uma história horrível“ .....</b>	<b>59</b>
<b>7. Conclusão.....</b>	<b>64</b>
<b>Resumo em eslovaco.....</b>	<b>68</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>69</b>
<b>Anotação em português: .....</b>	<b>72</b>
<b>Abstract in English.....</b>	<b>73</b>

## Introdução

Os membros da comunidade LGBT desde sempre têm enfrentado discriminação, preconceitos sociais, falta de direitos e liberdades, até a violência física. Em casos mais extremos, os membros desta comunidade sofrem torturas e acabam por ser aprisionados devido a sua sexualidade. Em vários países, revelando a sexualidade diferente da heterossexual pode resultar em aplicação da pena de morte.

Por outro lado, em diversas partes do mundo há tentativas, sobretudo por parte de movimentos LGBT ou de organizações sem fins lucrativos, de melhorar a posição e os direitos dos membros da comunidade LGBT. Além disso, aumenta também o número de países onde é reconhecido o casamento entre pessoas do mesmo sexo e onde também as condições de vida dos transsexuais estão a melhorar.

Porém, continua a tratar-se de um tema bastante polêmico e controverso sobre o qual não há o consenso nem nas sociedades dos países desenvolvidos. Ainda hoje em dia, a homossexualidade é percebida como um desvio moral ou mesmo uma doença mental e física. O fato de um casal tradicional ser formado por homem e mulher é o argumento mais comum contra a melhoria dos direitos da comunidade LGBT.

Este trabalho pretende analisar a temática da homossexualidade na obra de Caio Fernando Abreu, escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro que viveu entre os anos 1948 e 1996. Caio Fernando Abreu pertence aos autores mais importantes da literatura homoerótica brasileira e é percebido como o pioneiro do tema da AIDS na literatura. Para esta análise escolhemos cinco contos do autor: “Caçada” e “Uma história de borboletas” da coletânea *Pedras de Calcutá* (1996), “Além do ponto” e “Terça-feira gorda” do livro *Morangos mofados* (1982) e “Linda, uma história horrível” da coletânea *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988). O objetivo principal do trabalho é analisar o modo como a questão do homoerotismo é

retratada nestes contos selecionados, em relação à problemática de preconceito, discriminação, ódio, violência ou AIDS.

No início da parte teórica do trabalho, são explicados termos básicos mas fundamentais, como *gay* e *queer*, e também focamos nas obras pioneiras e mais importantes a tratar dos estudos gays e queer. Nesta parte, apoiamos-nos sobretudo na análise do livro *História da sexualidade*, de Michel Foucault, que fornece informações da história dos estudos em torno da sexualidade.

Na parte a seguir, o trabalho trata da cultura da comunidade LGBT nos Estados Unidos da América e depois no Brasil, tentando levar em conta o contexto histórico e social, nomeadamente a ditadura militar, durante a qual os contos selecionados do autor foram publicados. Nesta parte, tentamos destacar os acontecimentos, movimentos gay ou jornais que historicamente tiveram o maior impacto na percepção da comunidade LGBT. Mencionamos, por exemplo a Revolta de Stonewall em Nova York, que marcou o início dos estudos gays e queer, ou as revistas *Somos* e *Lampião da Esquina*, cujo objetivo principal era pôr termo à tabuização e estigmatização da comunidade LGBT bem como publicar para os membros dela.

No capítulo seguinte, oferecemos um resumo das obras fundamentais da literatura gay brasileira para darmos uma percepção geral de como o tema do homoerotismo tem sido nela tratado e, sobretudo, para apontar os autores brasileiros que abriram este tema bastante controverso.

No final da parte teórica, focamos na vida e obra de Caio Fernando Abreu, descrevendo os acontecimentos mais importantes que influenciaram a sua vida e obra, destacando a importância dos seus textos literários no género da literatura homoerótica brasileira.

A parte prática da tese é dedicada à análise dos elementos homoeróticos nos contos selecionados. Nesta secção, procuramos salientar o estilo único pelo qual o autor retrata, muitas vezes de forma explícita, os homossexuais e a realidade que eles enfrentavam no dia a dia,

marcada por discriminação, tabus e a violência, abordando o tema da estigmatização não apenas dos homossexuais mas também dos assuntos como o travestismo ou a AIDS/HIV. Na nossa análise tentamos prestar atenção a várias possibilidades de interpretação e mensagens dos textos, assim como destacar a influência do regime político, vigente na época da publicação dos contos, no modo como o autor representou a problemática homossexual.



## 1. Estudos gays e queer

É importante dizer que não é muito fácil apontar o início dos estudos gays e lésbicos, porém, as obras principais destes estudos são só da segunda metade do século anterior, nomeadamente as de W. Simon e J. H. Gagnon – *Homosexuality: The Formulation of a Sociological Perspective* (1967), de Mary MacIntosh – *The Homosexual Role* (1968), e de Michel Foucault – *História da sexualidade* (1978, 1985, 1986).<sup>1</sup> Como a obra fundamental, que trata do tema da homossexualidade, é considerada *História da sexualidade* (1978, 1985, 1986), do historiador e filósofo francês Michel Foucault. Segundo Foucault, o início da discussão sobre a sexualidade data aproximadamente dos séculos XVIII e XIX, ou seja, do período de repressão.<sup>2</sup>

No século XVIII, o hermafroditismo e a homossexualidade eram ilegais porque eram percebidos como um atentado contra o regular funcionamento da esfera natural, atentado que poderia ser sancionado por lei. Homossexuais eram classificados como tipos sociais perigosos e eram empriionados. A homossexualidade era condenada pelos tribunais, bem como a infidelidade, o casamento sem o consentimento dos pais ou a bestialidade. A homossexualidade era percebida simplesmente como “uma forma extrema” de atos “contra a lei”.<sup>3</sup> O que foi levado em conta tanto nas jurisdições civis quanto religiosas foi uma ilegalidade geral e atos “contrários à natureza” foram carimbados como especialmente abomináveis.<sup>4</sup>

Foucault argumenta que até o século XIX a homossexualidade não foi percebida como uma identidade, mas a palavra se referia a práticas sexuais. Na segunda metade do século XIX, os psiquiatras começaram a analisar a homossexualidade do ponto de vista médico, o que foi o

---

<sup>1</sup> Ana Cristina Santos, “Estudos queer: Identidades, contextos e acção colectiva”, em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 76 (Março 2006), 5.

<sup>2</sup> Michel Foucault, *The history of sexuality* (New York: Pantheon Books, 1978), 18

<sup>3</sup> Ibid. 38.

<sup>4</sup> Ibid.

ponto de partida para uma série de novas intervenções e controles. Pensava-se que a esfera patológica poderia ser descoberta e conhecida e, por isso, os homossexuais eram aprisionados em manicômios ou sujeitos a tentativas de serem “curados”, por serem considerados libertinos e, por isso, representavam uma ameaça social. A partir desse período, estabeleceu-se uma relação entre homossexuais e loucos. Ambos os grupos eram vistos como doentes no que se refere ao instinto sexual.<sup>5</sup>

Foucault descreve o início dos estudos gay pelo seguinte:

A categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade foi constituída no dia em que foi caracterizada - o famoso artigo de Westphal sobre as 'sensações sexuais contrárias' (1870) pode ser entendido como data de nascimento - não pelo tipo de relações sexuais, mas por uma certa sensibilidade sexual, uma determinada forma de inverter em si os papéis masculino e feminino. A homossexualidade tornou-se uma das figuras da sexualidade quando foi rebaixada da prática da sodomia a uma espécie de androginia interior, de hermafroditismo da alma. Enquanto o sodomita era um desviante, o homossexual era agora uma espécie.<sup>6</sup>

Foucault afirma que o termo “sexualidade” surgiu no início do século XIX, em relação a outros fenômenos, particularmente ao desenvolvimento do estudo sobre a reprodução biológica e sobre as variantes individuais e sociais do comportamento; ao estabelecimento de regras e normas apoiadas por instituições religiosas, educacionais e médicas; e às mudanças nas maneiras como os indivíduos entendem e avaliam sua conduta. Em suma, nas sociedades ocidentais, formava-se uma “experiência” pela qual os indivíduos passaram a se reconhecer como sujeitos de “sexualidade”, abertos a domínios de saberes muito diversos e articulados por um conjunto de regras e restrições.

Discutir a sexualidade incluía analisar três eixos que formavam suas partes constitutivas: a formação de saberes sobre a “sexualidade” (medicina e psiquiatria), os sistemas de poder que regulam suas práticas (poder punitivo e práticas disciplinares), e as formas pelas quais os indivíduos passam a se reconhecer como sujeitos sexuais.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> Ibid. 43.

<sup>7</sup> Ibid. 58.

## 1.1. Início dos estudos gays

Os estudos gays, como os conhecemos hoje, começaram a aparecer somente depois que o sentimento de identidade separada começou a crescer e com ele a consciência do status de minoria. No entanto, deve ser dito que até o início do atual milênio, os estudos sobre homossexuais foram muitas vezes ignorados, apesar do seu crescimento gradual.<sup>8</sup>

Os estudos gays são considerados estudos que tratam da construção social, da história e da representação da homossexualidade e dos homossexuais, sejam homens ou mulheres, e que incluem disciplinas que tratam de aspectos relacionados a esses temas, desde a biologia até à psicanálise ou à arte.<sup>9</sup>

O evento conhecido como Revolta de Stonewall em Nova York, ocorrido em 1969, é considerado o início dos estudos gays e um grande marco na percepção da comunidade LGBT. Nova York foi uma cidade onde residia uma grande comunidade LGBT, mas mesmo ali a comunidade não evitava o bullying por parte das autoridades, pois houve um tempo em que a homossexualidade ainda era considerada um transtorno mental. Nos EUA havia várias leis discriminatórias contra homossexuais, com as quais, por exemplo, direitos básicos eram retirados das pessoas, apenas porque eram suspeitos de pertencer à comunidade LGBT.<sup>10</sup>

No entanto, à medida que a comunidade LGBT em Nova York crescia e com ela a popularidade dos bares gays, incluindo o bar Stonewall Inn, que deu nome à Revolta, as autoridades de Nova York deram permissão para se importar álcool também a esses bares. Apesar disso, a polícia invadia esses bares regularmente e prendia homens gays.

Uma das exceções era o já mencionado bar Stonewall Inn, que pertencia a uma família da máfia que costumava subornar a polícia da cidade. No entanto, uma noite, a polícia apareceu sem avisar e iniciou uma busca intensiva, durante a qual prendeu 13 pessoas. A invasão acabou saindo do controle, levando a uma briga entre a polícia e centenas de clientes no Stonewall Inn.

---

<sup>8</sup> Dennis Altman, "Taking Gay Studies Seriously", em *The Australian Quarterly* 58, n. 1 (Outono 1986), 87.

<sup>9</sup> Ibid. 88.

<sup>10</sup> Renan Quinalha, "O mito fundador de Stonewall", em *Revista Cult*, v. 22, n. 246 (Junho 2019), 18.

O incidente durou várias horas, incluindo também incêndios, mas no final a polícia conseguiu dispersar a multidão. No entanto, esta rebelião desencadeou uma série de protestos de cinco dias em que participaram milhares de pessoas.<sup>11</sup>

Os estudos gays, assim, existem desde a década de 1970, com o advento do movimento gay, quando gays e lésbicas se interessaram em estudar a si mesmos e como eram apresentados na sociedade e na cultura. A primeira revista dedicada aos estudos gays foi *The Journal of Homosexuality*, publicada em 1974. No seu primeiro número, os editores declararam que viam a homossexualidade como um válido estilo de vida, e seus estudos se concentraram em figuras do campo da psicoterapia que lidavam com estilos sexuais alternativos.<sup>12</sup>

A pesquisa nos estudos gays concentrou-se principalmente em factores históricos e culturais na definição de género e da orientação sexual. Várias pesquisas começaram a chamar a atenção para o facto de que as diferenças de género e sexuais estão de alguma forma conectadas, mas não são a mesma coisa. As diferenças de género estão relacionadas a um espectro de termos que são definidos pelos termos binários masculino e feminino, enquanto as diferenças sexuais estão relacionadas aos termos binários heterossexual e homossexual. Os estudos gays atualmente definem a sexualidade como uma identidade, ou seja, exatamente em oposição à visão de dois séculos atrás, quando a homossexualidade era considerada apenas uma forma de práticas sexuais.<sup>13</sup>

Em geral, os estudos gays lidam com a diferença na percepção da orientação heterossexual e homossexual, analisando como essas sexualidades foram percebidas em diferentes épocas históricas e examinando o que foi considerado socialmente aceitável e moral em relação a diferentes sexualidades. Como observa nos seus estudos a antropóloga e ativista americana Gayle Rubin, assim que uma categoria é considerada normal na sociedade, a

---

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> Donna Penn, Janice Irvine, “Gay/Lesbian/Queer Studies”, em *Contemporary Sociology* 24, n. 3 (Maio 1995), 328.

<sup>13</sup> Ibid.

categoria oposta é automaticamente percebida e definida como desviante. Isso representa também uma preocupação geral dos estudos gays, que tentam descobrir como essas categorias foram e são percebidas e construídas, como surgem e como podem ser alteradas.<sup>14</sup>

Muitos trabalhos, principalmente da segunda metade do século passado, tratavam da epidemia de AIDS, examinando tanto a questão da contribuição dos homossexuais para essa pandemia, quanto o problema da marginalização dos homossexuais pela própria pandemia.

Os termos “queer” ou “estudos queer” são frequentemente usados quando se discute a homossexualidade em relação ao termo abrangente "LGBT". Embora os termos "estudos gays" e "estudos queer" sejam frequentemente usados nos mesmos contextos e como sinônimos, eles não estão relacionados a um único e mesmo conceito.

A definição da palavra “queer” pode ser um pouco problemática, especialmente quando olhamos as definições em diferentes dicionários. O termo “queer” é considerado um termo político e não científico. De acordo com o *Oxford English Dictionary*, a palavra “queer” designa “personagem estranho, peculiar, excêntrico, questionável” e é frequentemente, sobretudo nos países de língua inglesa, considerado um termo pejorativo. Por outro lado, no mesmo dicionário, a palavra "queer" também tem uma segunda definição – é considerada como um sinônimo da palavra homossexual.<sup>15</sup>

Em geral, o termo “queer” tem algo a ver com autores/-as, artistas, temas lésbicos/gays/bissexuais/transsexuais, etc. No entanto, a teoria queer, tal como formulada na década de 1990 e praticada hoje, tem usado o termo para se referir a tópicos fora do âmbito dos estudos lésbicos/gays, empregando-o como uma espécie de posição contra os modos de pensamento normativos ou dominantes. Existe, portanto, uma tensão ou lacuna entre a forma

---

<sup>14</sup>Gayle S. Rubin, *Deviations: A Gayle Rubin Reader* (Durham: Duke University Press, 2011), 380.

<sup>15</sup> Karl Whittington, “Queer”, em *Studies in Iconography* 33 (Janeiro 2012), 157.

como queer é teorizado e praticado, e a forma como é normalmente interpretado por leitores mais casuais ou estruturado por instituições.<sup>16</sup>

Os estudos queer são um campo relativamente novo que começou a tomar forma apenas nos anos 90. A pioneira dos estudos queer é Teresa de Lauretis, que é considerada a primeira a usar o termo queer no seu ensaio de 1991 intitulado *Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities*.<sup>17</sup>

Quanto à diferença entre os estudos gays e os estudos queer, os estudos queer tratam da distinção entre o que é estatisticamente determinado e o que é determinado mais moralmente, ou seja, querem traçar com mais precisão as fronteiras entre o normal e o normativo.<sup>18</sup>

Porém, queer é atualmente usado como um termo para identificar orientações sexuais que não se enquadram na narrativa heteronormativa, ou seja, pessoas pertencentes à comunidade LGBT muitas vezes se identificam como pessoas queer para evitar serem rotuladas. Essa palavra, originalmente pejorativamente marcada, tornou-se uma palavra de orgulho ao longo do tempo, sendo frequentemente usada como sinônimo da palavra gay, principalmente na própria comunidade LGBT:

Em sentido genérico, queer descreve as atitudes ou modelos analíticos que ilustram as incoerências das relações alegadamente estáveis entre sexo biológico, género e desejo sexual. Resistindo a este modelo de estabilidade – que reivindica a sua origem na heterossexualidade, quando é na realidade o resultado desta – o queer centra-se nas descoincidências entre sexo, género e desejo. [...] Quer seja uma performance travesti ou uma desconstrução teórica, o queer localiza e explora as incoerências destas três concepções que estabilizam a heterossexualidade. Demonstrando a impossibilidade de qualquer sexualidade “natural”, coloca em questão até mesmo categorias aparentemente não problemáticas como as de “homem” e “mulher”.<sup>19</sup>

Após o surgimento dos movimentos gays, simultaneamente aos estudos gays ou queer, começaram a surgir pesquisas no campo da antropologia, que passaram a focar-se em temas relacionados à homossexualidade. As primeiras pesquisas antropológicas surgiram na

---

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> Ana Cristina Santos, “Estudos queer: Identidades, contextos e acção colectiva”, em *Revista Crítica de Ciências Sociais* (Dezembro 2006), 6.

<sup>18</sup> Whittington, Ibid. 158.

<sup>19</sup> Santos, Ibid. 7.

década de 1970 e basearam-se principalmente nas obras clássicas como a de Foucault, argumentando que contextos culturais específicos moldaram as formas, interpretações e ocasiões de comportamento homossexual. Outros sustentaram que a homossexualidade e o desejo sexual são invenções sociais, sem analogias diretas fora do mundo anglo-europeu.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Kath Weston, “Lesbian/Gay Studies in the House of Anthropology”, em *Annual Review of Anthropology*, n. 22 (1993), 341.

## 2. Problemática da LGBT nos Estados Unidos

Embora esta tese se concentre na análise de um autor brasileiro e em textos ambientados no contexto do Brasil, o desenvolvimento da cultura LGBT nos Estados Unidos da América teve um enorme impacto no resto do mundo. Portanto, consideramos importante delinear brevemente, neste capítulo, a situação da comunidade LGBT nos EUA.

A situação da comunidade LGBT no início do século XX, nos Estados Unidos, não era diferente do resto do mundo, também ali a homossexualidade era considerada como uma espécie de desvio da norma, como um comportamento criminoso; até falar do cotidiano das pessoas LGBT era considerado um crime.<sup>21</sup>

No que diz respeito ao mundo ocidental, especialmente aos EUA, a homossexualidade ganhou consciência e maior aceitação na sociedade durante os chamados “loucos anos vinte”, que representaram um período relativamente liberal em vários cantos do país – estes anos também são conhecidos, por exemplo, pelo movimento pelos direitos das mulheres. Os chamados “speakasies” ou locais onde se vendia álcool proibido, muitas vezes pertenciam a pessoas da comunidade LGBT. Os clubes onde se apresentavam artistas gays também estavam a tornar-se populares, porém, mesmo nesta época tempestuosa e liberal a situação dos homossexuais era perigosa.<sup>22</sup> Por outro lado, a situação na cultura podia ser considerada mais segura, pois personagens homossexuais começaram a aparecer em filmes, e além disso, foram criadas as primeiras gravações para adultos com temática puramente homossexual.<sup>23</sup>

Em 1924, a primeira organização que lutou pelos direitos dos homossexuais foi fundada nos EUA, especificamente “The Society for Human Rights”. Foi a primeira vez que foi criado um fórum onde homossexuais podiam falar abertamente. No entanto, a organização

---

<sup>21</sup> Lillian Faderman, Timmons Stuart, *Gay L.A.: A History of Sexual Outlaws, Power Politics, and Lipstick Lesbians* (New York: Basic Books, 2006), 162.

<sup>22</sup> Gregory M. Herek, “Beyond Homophobia”, em *Journal of Homosexuality* (Outubro 1984), 10.

<sup>23</sup> Joseph P. Slade, “Eroticism and Technological Regression: The Stag Film”, em *History and Technology: an International Journal* (Março 2006), 11.



durou apenas alguns meses, posteriormente os seus dirigentes foram presos e as suas atividades foram associadas a um culto sexual.

A década de 30 do século XX foi marcada pela Grande Depressão, o que significou um certo retrocesso, especialmente no que diz respeito aos direitos das mulheres, mas também à posição dos gays na sociedade. Neste período, os gays eram considerados pessoas anormais e doentes de forma ainda mais intensa que nos períodos anteriores. No entanto, na década de 1930 a palavra “gay” começou a ser associada a homossexuais, assim como foi publicado, pela primeira vez, um livro que mostrava homens homossexuais numa relação amorosa feliz.<sup>24</sup> Neste período, a palavra “homossexual também foi usada pela primeira vez no título de jornal: foi no artigo “12 Czech Nazis On Trial: Members of Youth Organizations Face Homosexual Charges”, publicado em *The New York Times*, no dia 3 de dezembro de 1937.

Embora a década de 1940 tenha marcado um aumento na visibilidade da homossexualidade na mídia, as atitudes permaneceram negativas em relação aos homossexuais. Como a homossexualidade era um tabu na sociedade, a vida gay tinha que ser invisível e reuniões em locais públicos tinham que ser secretos.<sup>25</sup>

Em 1945, quatro veteranos gays fundaram a primeira associação de veteranos LGBT nos EUA, chamada The Veterans Benevolent Association. A associação tentou apontar as chamadas “dispensas azuis” que eram concedidas aos demitidos do exército, em muitos casos por suspeita de homossexualidade. A associação funcionou como um clube social, apoiando outros veteranos gays. Não tinha muitos membros, mas a importância da sua fundação foi grande para a época. A associação conseguiu manter-se “secreta”, pelo que a sociedade não sabia quem especificamente estava por detrás da associação, o que deu aos membros uma garantia de segurança.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Terry Castle, *The Literature of Lesbianism: A Historical Anthology From Ariosto To Stonewall* (New York: Columbia University Press, 2003), 973.

<sup>25</sup> George Chauncey, *Gay New York: Gender, Urban culture, and the Makings of the Gay Male World, 1890-1940* (Oxford: Oxford University Press, 1994), 9.

<sup>26</sup> Allan Bérubé, *Coming Out Under Fire: The History of Gay Men and Women in World War Two*. New York (New York: The Penguin Group, 1990), 230.

Em 1947, foi criada a primeira revista gay nos EUA, chamada *Vice Versa*, destinada especificamente a lésbicas, sendo também a primeira revista pertencente a mulheres lésbicas.

Na década de 1940, começaram a surgir estudos que, ao contrário da maioria, não alienavam a homossexualidade como algum tipo de má conduta ou doença, descrevendo-a como não antinatural. Entre os seus autores estava também o Dr. Alfred Kinsey, sexuólogo, biólogo e professor de entomologia e zoologia, que argumentou que a sexualidade devia ser vista como uma espécie de continuum. Além disso, segundo ele, a sexualidade representa certa fluidez e, portanto, não é exata.<sup>27</sup>

Ele também conduziu pesquisas sobre a homossexualidade entre os jovens e descobriu que os homossexuais têm maior probabilidade de frequentar o ensino médio, e que um grande número continua seus estudos nas universidades. Segundo ele, a homossexualidade é uma fase sexual pela qual todos deveriam passar. Suas pesquisas e opiniões foram importantes principalmente porque não condenavam a homossexualidade, mas falavam dela como de um fenômeno natural. Além disso, segundo ele, um em cada quatro homens no ensino médio apresentava comportamento homossexual.<sup>28</sup>

Na década de 1950, foi criada a primeira sociedade gay permanente nos EUA, chamada “Mattachine Society”, cujo principal objetivo era proteger e tentar melhorar os direitos LGBT. Apesar destes acontecimentos positivos, a situação dos homossexuais no país não melhorou. Esses anos também eram marcados pela demissão de funcionários públicos suspeitos de orientação homossexual, pois entre funcionários governamentais prevalecia a opinião que homossexuais em cargos elevados representavam uma ameaça para a segurança da nação. Os trabalhadores não podiam esconder nada do governo, sendo investigados quanto à sua vida privada.

---

<sup>27</sup>Alfred Kinsey, Wardell B. Pomeroy, Martin E. Clyde, *Sexual Behavior in the Human Male* (Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1948), 259.

<sup>28</sup>Ibid.

Na Grã-Bretanha, por exemplo, também permanecia a atitude negativa da sociedade em relação à homossexualidade. Essa atitude durou ao longo dos anos 40 e 50, o ponto de viragem começou a ocorrer só em 1967, quando a homossexualidade foi descriminalizada. Por exemplo, na década de 1950, apenas 38% dos britânicos queriam que a homossexualidade fosse descriminalizada.<sup>29</sup>

Mesmo uma grande parte da década seguinte não trouxe qualquer melhoria para os homossexuais nos EUA, uma vez que estes anos, tal como a década anterior, eram marcados pela vigilância dos membros LGBT que, portanto, tiveram que tentar ainda mais integrar-se na sociedade heterossexual. A perseguição estava associada principalmente aos homens gays, porque, tal como em outros países, as mulheres lésbicas fugiam mais da atenção do público, sendo frequentemente associadas a raparigas solteiras.

Por outro lado, a década de 1960 também assistiu a um certo florescimento em termos do estatuto dos homossexuais na sociedade. Foi nesses anos que ocorreu uma certa revolução sexual graças à invenção da pílula anticoncepcional. Além disso, a indústria cinematográfica e teatral passou a lançar obras com conotação homossexual, para despertar alguma simpatia com essa problemática no espectador.<sup>30</sup> Além disso, como já mencionado, o ano de 1969 é considerado o início do movimento homossexual e também dos estudos gays, em conexão com o evento conhecido como Revolta de Stonewall em Nova York.

A década de 1970 trouxe as primeiras paradas do orgulho gay, bem como uma abundância de literatura focada na homossexualidade. Edmundo White, Armistead Maupin, Larry Kramer e Felice Picano são notáveis autores gays que alcançaram, pela primeira vez, sucesso comercial e de crítica, na década de 1970. Além disso, em 1973 a homossexualidade foi desclassificada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria, perdendo,

---

<sup>29</sup> Ben Clements, Clive D. Field, “The Polls—Trends: Public Opinion Toward Homosexuality And Gay Rights In Great Britain”, em *The Public Opinion Quarterly* 78, n. 2 (Verão 2014), 524.

<sup>30</sup> Brian Woodman, “Why Don’t You Take Your Dress Off and Fight Like a Man?: Homosexuality and the 1960s Crisis of Masculinity in ‘The Gay Deceivers’”, em *Social Thought & Research* 26, n. 1/2 (Abril 2005), 84.

finalmente, o seu estigma médico.<sup>31</sup> Na década de 1970, começaram a aparecer muitos casos em que pessoas de orientação homossexual foram eleitas para altos cargos estatais.

A década de 1980 foi marcada principalmente pelo pânico em torno do vírus da AIDS, o que levou a uma associação negativa da doença com a homossexualidade e um certo isolamento dos homossexuais, especialmente dos homens, apesar de nessa altura se saber muito pouco sobre o vírus. O regresso da homofobia foi, portanto, novamente bastante significativo. No entanto, a discriminação devido ao vírus da AIDS não estava associada apenas aos homossexuais, mas também às comunidades hispânicas e afro-americanas.<sup>32</sup>

A situação relativa à homossexualidade começou a melhorar, gradualmente, em todos os países de língua inglesa já durante os anos 90 e, especialmente, durante os anos 2000, quando os homossexuais finalmente tinham a possibilidade de uniões do mesmo sexo e a adoção de crianças por casais homossexuais também foi legalizada. Embora a situação, no novo milênio, tenha melhorado rapidamente em comparação com o século passado, ainda hoje os homossexuais enfrentam discursos e crimes de ódio; de acordo com as estatísticas atuais, os ataques de ódio dirigidos contra homossexuais são o segundo ataque de ódio mais frequentemente cometido nos EUA.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Ronald Bayer, *Homosexuality and American Psychiatry: The Politics of Diagnosis* (Princeton, Princeton University Press, 1987), 38.

<sup>32</sup> Elisabeth Fee, Daniel M Fox, *AIDS: The Making of a Chronic Disease* (Oxford, Oxford University Press, 1992), 120.

<sup>33</sup> Federal Bureau of Investigation. Hate Crimes Accounting. Annual hate Crimes Report. 10 de Dezembro, 2012.

### 3. Problemática da LGBT no Brasil

Como já vimos, os grupos de defesa dos direitos homossexuais existiram nos EUA já nos anos 20 do século XX, e na Europa surgiram alguns anos depois, sobretudo na Alemanha, França, Bélgica, Holanda e Grã-Bretanha. Todavia, os grupos europeus foram logo reprimidos e eliminados pela ascensão do fascismo e durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>34</sup>

Quanto aos movimentos gays na América Latina, formaram-se em apenas dois países na década de 1970, nomeadamente no México e na Argentina. O movimento gay argentino publicou a revista intitulada *Somos*, que criticava a política anti-gay não só no seu país, mas também nos países vizinhos. No entanto, este movimento gay durou menos de cinco anos, depois foi dissolvido pelas autoridades estatais e os seus membros foram forçados a exilar-se.<sup>35</sup>

Embora os movimentos gays enfrentassem repressão política em todos os países latino-americanos, a situação era um pouco pior no Brasil, pois o final da década de 60 e o início da década de 70, os chamados anos de chumbo, foram marcados por uma grande violência por parte do Estado brasileiro. Durante a ditadura militar, os homossexuais eram alvo de perseguições, detenções e censuras, o que foi possibilitado com decretos que legitimaram estas ações.

O então presidente brasileiro, Artur da Costa Silva, aprovou uma lei que permitia a exclusão de grupos considerados antigovernamentais, tanto do ponto de vista cultural quanto político. No entanto, é importante observar que a opressão da comunidade LGBT não começou com a ditadura militar. A oposição à comunidade LGBT por parte do Estado existia já antes da introdução da ditadura, e alguma forma de regulamentação de sexualidade pelo Estado também operou durante os governos anteriores ao golpe de 1964.<sup>36</sup>

No entanto, os homossexuais não enfrentavam apenas a oposição das autoridades estatais, a opressão era perceptível também em locais públicos e os membros da comunidade

---

<sup>34</sup> James N. Green, “The Emergence of the Brazilian Gay Liberation Movement, 1977-1981”, em *Latin American Perspectives* 21, n. 1 (Riverside: Latin American Perspectives, 1994), 39.

<sup>35</sup> Ibid.

LGBT enfrentavam bullying nas ruas, o que levava a um certo isolamento deles. Isso estava ainda mais presente nas favelas, separadas dos outros bairros das cidades e monitoradas pela polícia. Por exemplo, somente no primeiro semestre de 1980, até 500 pessoas da comunidade foram presas.<sup>37</sup>

A opressão e repressão dos membros da comunidade LGBT foi associada à política da “higienização”, porque o regime militar considerou os seus membros uma espécie de aliados da comunidade comunista internacional, cujo objetivo era destruir valores tradicionais, o que incluía, por exemplo, a chamada família nuclear. A “higienização” da comunidade teve um impacto muito negativo em seus membros que, muitas vezes, se automutilaram por desespero. Por exemplo os travestis, que estavam entre os mais atingidos pela opressão, traziam objetos perfurocortantes, tais como lâminas, para as delegacias, quando foram presos, tentando ferir-se com eles.

A severidade da repressão foi perceptível não apenas em movimentos gays, mas também em movimentos trabalhistas, estudantis e de oposição ao regime, que eram rapidamente paralisados e dissolvidos pelas autoridades estatais. É por esta razão que quaisquer maiores esforços da comunidade LGBT para se levantar contra a repressão foram infrutíferos e não conseguiram criar um ambiente mais livre.

Em 1974, inicia-se uma abertura política, quando Emílio Garrastazu Medici, antigo chefe da polícia secreta, foi substituído pelo General Ernesto Geisel, e o país começou a enfrentar uma crise económica, causada pelo aumento dos preços do petróleo em 1973. Este factor resultou em grandes críticas da parte da burguesia, de liberais e intelectuais, que juntos se opuseram ao governo ditatorial.

Nos anos 1977 e 1978, ocorreram acontecimentos que alteraram o ambiente para a criação de movimentos e protestos, nomeadamente a mobilização de estudantes, que respondeu à detenção de 7 estudantes que incentivaram as celebrações laborais no dia 1 de maio de 1978.

---

<sup>37</sup> Ibid.

O Estado rapidamente compreendeu que era necessário tomar certas medidas para acalmar esta situação na sociedade e recuperar o controle sobre ela, e o presidente Geisel declarou, em 1978, que tomaria medidas graduais para devolver o Estado à democracia. Posteriormente, Geisel nomeou o então chefe do Serviço de Inteligência de Segurança Nacional, João Batista Figueiredo, como sucessor presidencial.<sup>38</sup>

O presidente Figueiredo aliviou a censura, prometeu acabar com a tortura de presos políticos e levar o Brasil às eleições democráticas, em 1985. Em 28 de agosto de 1979, declarou a Lei de Anistia, que permitiu a libertação de presos políticos, o regresso dos exilados e o perdão dos torturadores. Uma das reformas que ele adotou, por exemplo, garantiu a criação de novos partidos políticos.<sup>39</sup>

Quanto à situação dos movimentos gays no Brasil, estes não experimentaram nenhum grande desenvolvimento, nem na primeira nem na segunda metade da década de 70. Apesar do início da abertura política, o controle e a perseguição “moral” da sociedade pelo governo foram, paradoxalmente, mais intensificados, o que teve consequências nomeadamente para a comunidade LGBT. Apesar de o regime ter prometido maior liberdade de imprensa e autorização para a formação de partidos de oposição, os militares logo excluíram a liberalização moral do seu projeto de abertura política.<sup>40</sup>

Em outras palavras, embora a sociedade estivesse vivenciando período de um certo afrouxamento do controle militar, o regime intensificou sua cruzada contra o que considerava uma violação à moral brasileira. Nesse sentido, questões sobre género e sexualidade permaneceram tabu para o regime, impactando negativamente a comunidade LGBT.<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> James N. Green, Renan Quinalha, *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. (São Carlos: EdUFSCar, 2014), 304.

<sup>39</sup> Ibid.

<sup>40</sup> Santos Henrique, ““ACTING OUT OF FEAR”: Queer Resistance During the Military Dictatorship in Brazil”, em *QueerScope Articles* (Janeiro-Fevereiro 2023) 18.

<sup>41</sup> Ibid. 19.

Deste período não há muitas menções à organização de reuniões oficiais de gays e, se alguma reunião foi organizada, poucas pessoas participaram dela. João S. Trevisan, escritor paulista, descreveu o clima na comunidade LGBT e as suas reuniões, na época, pelo seguinte:

Nunca havia mais de uma dúzia nas reuniões, todos rapazes. Alguns vieram com vagas propostas liberais e assertivas, enquanto os pensamentos e os sentimentos dos outros foram prejudicados pela ideologia da velha esquerda. Nós tentamos estudar alguns textos. No entanto, os participantes, que estavam muito reticentes em relação ao experimento, ficaram paralisados por sentimentos de culpa - mesmo quando foram humilhados pelos seus companheiros do partido por serem homossexuais. A grande questão que eles se perguntaram, frequentemente ouvida em grupos gays do movimento da primeira fase, foi: "É politicamente válido discutirmos sexualidade, algo geralmente considerado secundário dada a situação no Brasil?" Todos os movimentos deparam-se com esta questão sem chegar a uma resposta clara. Como se isso não fosse suficiente, 70% do grupo admitiu francamente que se considerava anormal por causa de sua homossexualidade. Em tais circunstâncias, não é surpreendente que o projeto tenha desmoronado após algumas reuniões dolorosas.<sup>42</sup>

No que se refere à literatura destinada aos homossexuais, começou a surgir somente no final da década de 70. Em 1977 ocorreu um encontro de intelectuais gays brasileiros com Winston Leyland, proeminente escritor e editor britânico e umas das figuras mais importantes da literatura gay, que trabalhava no *Gay Sunshine*, jornal que operava em São Francisco e era destinado à comunidade homossexual local. Foi neste encontro que seria criada uma espécie de plano para criar uma literatura gay latino-americana que refletisse sobre a comunidade LGBT, a diversidade racial e a discriminação, a arte, a ecologia e o machismo.<sup>43</sup>

O primeiro trabalho publicado que surgiu dessa iniciativa foi o número inicial da revista *Lampião da Esquina*, com a sede no Rio de Janeiro, publicado em abril de 1978. O seu título tem um duplo significado – por um lado, faz referência ao famoso cangaceiro Lampião, que vagava pelo nordeste brasileiro durante os anos 20 a 30 do século XX, por outro lado, refere-se aos postes de iluminação pública nas esquinas, apontando para a realidade da vida nas ruas da comunidade LGBT, ou seja, estes lampiões iluminavam as esquinas escuras da ditadura.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> James N. Green, Renan Quinalha, *Ibid.* 43.

<sup>43</sup> *Ibid.* 44.

<sup>44</sup> *Ibid.*



Qualquer tentativa do jornal de discutir a homossexualidade foi reprimida pelo governo através da censura da imprensa, que não se aplicava só a este jornal. Por exemplo, em 1977, o jornalista Celso Curo foi acusado de insultar a moral e a decência pública por publicar a “Coluna do Meio” no jornal *Última Hora* (Rio de Janeiro), um artigo dirigido especificamente à comunidade gay. Nem *Istoé* (São Paulo), o segundo maior jornal diário do seu tempo, escapou à censura quando, em 1978, dedicou a sua capa à questão da homossexualidade, o que fez com que nove jornalistas associados a este jornal enfrentassem acusações e investigações por violações morais.<sup>45</sup>

No mesmo ano, foi formado um grupo denominado “Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais”, cuja principal atividade era a sensibilização da sociedade. Outras atividades deste grupo incluíram discussões e diversas expressões artísticas, incluindo as não-verbais. Apesar de o grupo ter relativamente poucos membros, eles conseguiram publicar vários artigos nos quais, por exemplo, expressavam abertamente a sua desaprovação com a atitude sexista dos principais tablóides em relação às minorias. Essas posições críticas foram apoiadas por vários jornais alternativos e de esquerda, publicados durante o período de liberalização que se iniciou, no Brasil, nos finais dos anos 70. Mais tarde, o grupo “Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais” começou a crescer e, embora ainda não tivesse muitos membros, começou a dividir-se em vários subgrupos, que tinham os próprios objetivos e visões sobre o foco de suas atividades. Finalmente, os subgrupos fundiram-se em um só grupo, que mudou seu nome para “Somos: Grupo de Afirmação Homossexual”.

Em 8 de Fevereiro de 1979, o grupo “Somos” foi convidado às dependências da Universidade de São Paulo, especificamente ao Departamento de Ciências Sociais, onde foi realizado um debate sobre o posição das minorias no Brasil.<sup>46</sup> Participaram no debate cerca de 300 pessoas e, entre outros temas, discutiu-se a posição da mulher na sociedade, o movimento

---

<sup>45</sup> Ibid.

<sup>46</sup> Ibid.

de mulheres, mas também a necessidade de resistência à ditadura. Poucos dias depois, o debate deslocou-se para o recinto da Universidade Católica, onde novos membros aderiram ao grupo “Somos”, entre eles várias mulheres. Isso fez com que, ao longo do tempo, o número de homens e mulheres no grupo fosse igual, e que a associação passasse a conscientizar-se não só sobre temas relacionados à agenda LGBT, mas também sobre questões como machismo e dominação masculina na sociedade.<sup>47</sup>

Contudo, a expansão das associações também foi percebida pelo governo, que começou a tentar ainda mais obter controle sobre a situação, o que resultou nas tentativas de dissolução da associação “Lampião da Esquina”, na segunda metade dos anos 70. Devido ao facto de que os movimentos gays se espalhavam, o Estado esforçava-se por apagar também a mídia alternativa, mas não teve sucesso devido à relutância da oposição em aprovar a censura completa.<sup>48</sup>

Em 1978, os esforços do governo para suprimir os movimentos e diversas associações gays levaram a que os principais representantes e editores da revista *Lampião* fossem acusados de tentar prejudicar a moral. Eles, porém, receberam enorme apoio de jornalistas e personalidades do mundo da arte, assim como da Associação Brasileira de Imprensa, que disponibilizou gratuitamente advogados para defenderem os arguidos no julgamento. A Comissão Permanente para a Defesa da Liberdade de Expressão declarou as ações do governo como tentativas de censura, e as auditorias contra movimentos e associações gays foram eventualmente canceladas.

Também a associação “Somos” fundou o Comitê de Defesa do *Jornal Lampião* e voltou a ser ativa, entrando nela afro-brasileiros, as gerações mais velhas e as lésbicas.<sup>49</sup> A maior participação das lésbicas levou ao facto de as mulheres começarem a reunir-se

---

<sup>47</sup> Ibid. 45.

<sup>48</sup> Ibid. 46.

<sup>49</sup> Ibid.

separadamente, até em 1980 abandonarem o movimento “Somos” e criarem um movimento de mulheres independente, chamado “Ação Lésbica Feminista”.

O envolvimento político da associação “Somos” começou a crescer significativamente, à medida que cooperava com várias associações que expressavam apoio a outras minorias não associadas à comunidade LGBT, tentando falar mais alto também contra a discriminação e a opressão de outros setores populacionais. Em 1979, “Lampião” envolveu-se com diversos grupos gays em todo o país, até que, finalmente, teve a ideia de convocar sua própria conferência de grupos gays.<sup>50</sup> Em abril de 1980, sete diferentes associações gays (em total umas 300 pessoas) participaram da conferência em São Paulo. Nela, houve uma discussão sobre a aproximação das associações gays a outras minorias e grupos políticos que lutavam contra a discriminação e a censura por parte do governo.<sup>51</sup>

Esta discussão acabou por mostrar a uma certa divisão de opinião nas associações gays, pois um grupo defendia o seu envolvimento nos protestos que não expressavam explicitamente apoio à comunidade LGBT, enquanto outro grupo definiu-se contra tal abordagem, declarando que as associações gays não devem estar ativamente envolvidas em outras lutas políticas e com outras minorias.

A polarização tornou-se tão significativa que até a própria associação “Somos” começou a se dividir em vários subgrupos, cada um deles reagindo aos acontecimentos no país de maneiras diferentes. Portanto, não foi apenas a sociedade que estava polarizada em relação à comunidade LGBT – por um lado havia os que defendiam a censura e as ações do Estado contra a comunidade, por outro havia os que condenavam essa repressão –, mas também na própria comunidade LGBT lideravam opiniões e abordagens conflitantes.<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup> Ibid.

<sup>51</sup> Ibid. 47.

<sup>52</sup> Ibid.

Em 1981, a polarização dentro das associações gays piorou, porque várias associações perceberam que poderiam ter mais sucesso mobilizando-se em conjunto contra as práticas do regime ditatorial.

A homossexualidade e a política discriminatória contra a comunidade LGBT tornou-se ainda mais debatida na sociedade durante as eleições de 1982, em que o Partido dos Trabalhadores incluiu até oito homossexuais na sua lista de candidatos. Um deles, João Batista Breda, admitiu a sua orientação sexual na televisão, o que representou um momento importante para a comunidade LGBT, à medida que ela se tornou mais amplamente discutida na mídia.<sup>53</sup>

Depois de vários esforços das associações gays para se mobilizarem em conjunto, com a crise económica em 1981 e 1982 veio o declínio do movimento gay no Brasil, também causado pelo facto de “Lampião” ter encerrado a sua actividade.

Portanto, pode-se dizer que o movimento gay no Brasil não conseguiu funcionar e se mobilizar efetivamente no ambiente que prevalecia no país durante a ditadura militar. Concretamente, ele não conseguiu definir, claramente, se deveria manter-se mais isolado ou mais activista, juntando-se a outros movimentos, como os de mulheres e negros, ou a vários partidos políticos. Apenas uma associação, o “Grupo Gay da Bahia”, sobreviveu à polarização dentro do próprio movimento. Este grupo existe até hoje e representa uma das fontes mais confiáveis de informações sobre a comunidade LGBT no Brasil.<sup>54</sup>

Mesmo que o movimento gay fosse incapaz de chegar a um acordo sobre uma posição comum única, o seu surgimento representou um marco importante para o Brasil em termos da luta das minorias pelos seus direitos.

A posição da comunidade LGBT no Brasil começou a melhorar depois da queda da ditadura militar. O debate sobre a igualdade de direitos e a não discriminação com base na orientação sexual apareceu já nos anos de 1987 a 1988 na Assembleia Constituinte, mesmo que

---

<sup>53</sup> Ibid. 50.

<sup>54</sup> Ibid. 51.

não fosse um debate explícito sobre a discriminação contra os homossexuais. A Constituição Federal de 1988 já continha artigos que garantiam a liberdade e igualdade de todas as pessoas, independentemente da origem, raça ou sexo.<sup>55</sup> Outro passo importante foi a adoção de uma lei em 2003, com a ajuda da qual o Brasil reconheceu as uniões legais entre pessoas do mesmo sexo realizadas no exterior. O maior e mais importante marco nos direitos LGBT no Brasil foi, sem dúvida, a adoção da Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013, pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que garante o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo.

O status legal dos membros da comunidade LGBT está entre os melhores do mundo, superando até os países mais democráticos, graças à legalização dos casamentos entre pessoas do mesmo sexo, leis anti-discriminação ou fortes movimentos que protegem os membros desta comunidade.<sup>56</sup>

Contudo, apesar dos direitos promulgados e da enorme proteção legal dos membros da comunidade LGBT, o Brasil é paradoxalmente um dos países com o maior número de assassinatos de pessoas LGBT.<sup>57</sup> Nos últimos anos, a posição das pessoas LGBT no Brasil ainda tem piorado, sendo a culpa muitas vezes atribuída aos políticos, incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro, cuja campanha foi entre outros baseada em ataques a membros da comunidade LGBT. Entre 2016 e 2017, houve um aumento de 30% nos crimes de ódio anti-LGBT.<sup>58</sup>

---

<sup>55</sup> Alichelly Carina Macedo Ventura, Valmir César Pozzetti, “O Direito De Ser Eu Mesmo: Os Direitos Dos Homossexuais No Ordenamento Jurídico Nacional E Internacional“, em *Direitos Humanos e Políticas Públicas de Gênero*, v. 8, n. 3. (Agosto 2019), 11.

<sup>56</sup> Javier Corrales, “The Politics of LGBT Rights in Latin America and the Caribbean: Research Agendas”, em *European Review of Latin American and Caribbean Studies / Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y Del Caribe*, n. 100 (Dezembro 2015), 54.

<sup>57</sup> Ibid.

<sup>58</sup> Hannah Webb, Raquel Nunes Palmeira, “Bolsonaro: Trump of the tropics Hannah”, em *Socialist Lawyer*, n. 80 (Outubro 2018) 21.

#### 4. Literatura gay brasileira

Embora os motivos do homoerotismo masculino sempre existiam na literatura, a literatura gay, os autores gays e o próprio tema de homoerotismo eram completamente ignorados durante muito tempo na teoria e crítica literária.<sup>59</sup>

A homossexualidade como tema foi inicialmente associada a uma certa caricatura e estereótipos. Em textos com a temática do homoerotismo aparecem frequentemente os conceitos do dominante e do dominado, neste caso a relação entre a comunidade heterossexual, que é majoritária e domina, e a comunidade homossexual, que representa a minoria oprimida e reprimida.<sup>60</sup> Embora definir a literatura homoerótica não seja tão simples, trata-se, em termos gerais, de obras que contêm personagens ou temas homossexuais. Também é importante salientar que a literatura homoerótica não significa necessariamente que seja escrita por autores homossexuais. Nem se refere a um gênero padronizado específico, uma vez que as obras dessa literatura podem ser romances, novelas, contos ou poemas.

No que se refere à literatura teórica sobre o tema, ainda no final do século XIX e início do século XX havia realmente muito poucas pesquisas e artigos analíticos no campo do homoerotismo na literatura. Como na própria sociedade, também no mundo literário existia um certo tipo de repressão à literatura gay, e é também por esta razão que temos muito pouco material de estudo do século XIX e do início do século XX que tratasse da literatura homoerótica.

Em relação à primeira obra na literatura brasileira com elementos de homoerotismo, não há consenso entre críticos e ensaístas. Segundo Ricardo Thomé, tal obra já apareceu no Romantismo, concretamente o romance *Um homem gasto*, de 1885, escrito por Ferreira Leal, conhecido pelo pseudônimo de L.L.

---

<sup>59</sup> Antonio de Pádua Dias da Silva, “A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos,” em *Revista Leitura* (Junho 2013), 5.

<sup>60</sup> Rodrigo dos Santos Dantas da Silva; Tamiris Aparecida Apolinária de Carvalho, “O homoerotismo na perspectiva da literatura brasileira”, em *Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades* (Junho 2015), 3.

Em 1895, Adolfo Caminha publicou o romance naturalista *Bom crioulo*, que pertence ao cânone da literatura brasileira e conta a história das aventuras de dois marinheiros, Aleixo e Amaro, um dos quais é ex-escravo e o outro é o tipo clássico de marinheiro bonito com olhos azuis. A história tem um final trágico e representa vários aspectos sociais e culturais do Rio de Janeiro da época.

Na sua obra, Caminha incorpora um segmento marginalizado da população, o escravo fugitivo e as pessoas que migram para as cidades grandes em busca de uma vida melhor. Também aqui podemos observar o conceito do dominado, que aparece frequentemente em obras que contêm elementos de homoerotismo. Entre outras coisas, o autor na obra descreve muitas vezes o corpo humano de forma sensual, como podemos ver na frase: "Não havia osso neste corpo gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos..."<sup>61</sup>

Na narrativa fala-se sobre o desejo sexual do ex-escravo pelo grumete:

Por outro lado estava tranquilo porque a maior prova de amizade Aleixo tinha lhe dado a um simples aceno, a um simples olhar. Onde quer que estivessem haviam de se lembrar daquela noite fria dormida sob o mesmo lençol na proa da corveta, abraçados, como um casal de noivos em plena luxúria da primeira coabitação.<sup>62</sup>

Embora Caminha descreva abertamente a sensualidade de corpos, no caso do desejo homossexual apresenta um retrato mais implícito:

Bom-Crioulo, que já estava em cima, na tolda, assim que o viu naquela pompa, fico deslumbrado e por uma triz esteve fazendo uma asneira. Seu desejo abraçar o pequeno, ali na presença da execução, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias decumben do seu corpo.<sup>63</sup>

Durante os 12 capítulos desta obra, somos acompanhados por um narrador onisciente em terceira pessoa que, apesar de nunca descrever a relação homossexual entre marinheiros com preconceito, menciona que a relação homossexual é considerada pela sociedade uma

---

<sup>61</sup> Adolfo Caminha, *Um Bom-Crioulo* (Rio de Janeiro: Editora Ática, 2007), 19.

<sup>62</sup> Ibid. 39.

<sup>63</sup> Ibid. 31.

espécie de crime contra a natureza. Assim, a narrativa transmite a ideia de que a relação homossexual é patologicamente errada, que está fora da norma, o que é bastante típico da criação naturalista.<sup>64</sup>

É interessante também que a descrição da relação homossexual entre os marinheiros não envolva o narrador, apenas os dois homens que nutrem o desejo homossexual. É como se o narrador não quisesse de forma nenhuma participar do desenvolvimento de uma relação homossexual, não querendo ser associado a este comportamento.

Por outro lado, Caminha parece não tentar de forma alguma degradar ou rebaixar o amor homossexual. Muitas vezes a relação é descrita como se fosse heterossexual, por exemplo com o Amaro cortejando o seu parceiro, como acontece nas relações entre pessoas de sexos diferentes, protegendo-o e colocando-o num papel passivo, como se fosse uma mulher.

Embora, comparado com obras contemporâneas pertencentes à literatura gay, o romance de Caminha não possa ser considerado uma obra puramente gay, no que diz respeito à literatura brasileira trata-se de uma narrativa pioneira, pelo fato de conter elementos de homoerotismo.<sup>65</sup>

Em 1914 foi publicado o conto “O menino do Gouveia”, de Capadócio Maluco, que é considerada a primeira obra que contém não apenas elementos de homoerotismo, mas de erotismo gay em si.<sup>66</sup> “O menino do Gouveia” tem uma linguagem muito mais explícita em comparação com, por exemplo, *Bom crioulo*, descrevendo o desejo gay de uma forma bastante aberta, como documentado no seguinte trecho:

Estendido junto a mim na cama suspirativa do chateu, depois de ter sido enrabado duas vezes, tendo na mão macia e profissional minha respeitável porra, em que fazia umas carícias aperitivos, o menino do Gouveia, isto é, o Bembem, conte-me pitorescamente a sua história com todos os não-me-bulas de sua voz suave de puto matriculado.<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> Silva, Carvalho, Ibid. 7.

<sup>65</sup> Ibid. 19.

<sup>66</sup> Ibid.

<sup>67</sup> Maluco Capadócio, *O Menino Do Gouveia* (Rio de Janeiro: Casa Editora Cupido & Companhia, 2021), 9.



Entre os clássicos da literatura gay brasileira pertence a coletânea de contos *Morangos mofados*, de 1986, da autoria de Caio Fernando Abreu, cuja obra é analisada nesta tese, e o romance *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, publicado em 1985. Caio Fernando Abreu e Silviano Santiago são considerados por muitos críticos os pais da literatura gay no Brasil.<sup>68</sup>

A literatura homoerótica começou a ganhar maior relevância somente a partir de 2000. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*, de Denilson Lopes (2002), ensaísta, professor e presidente da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH), é uma das primeiras obras da literatura lusófona que conseguiu suscitar um debate literário e cultural mais amplo sobre questões relacionadas com o homoerotismo.<sup>69</sup>

Entre outros autores da literatura gay podemos mencionar, por exemplo, Luís Capucho e seus dois romances *Cinema Orly*, de 1999, e *Ratos*, de 2007, que retratam a subcultura gay. O romance *Cinema Orly* oferece uma reflexão sobre os problemas que os gays enfrentam, como o preconceito ou o conflito de identidade. Além disso, o romance aponta para estereótipos binários estabelecidos no mundo ocidental, como homem/mulher, natureza/cultura, alto/baixo, ativo/passivo e muitos outros. O tema da polarização da sociedade baseada em estereótipos bipolares também pode ser encontrado no seu segundo romance, como exemplificado no próximo trecho:

A diferença é que toda manifestação de carinho, de afeto, pressupõe a motivação sexual, pressupõe que estamos sempre polarizados no que é ativo e não que é passivo, não que é homem e não que é mulher, não que é humano e não que é divino, embora na verdade sejamos sempre dois pobres diabos, dois homens. Acho que é isso, a amizade nos despolariza, tem uma realidade que nos conduz sempre no mesmo sentido, extinção e fantasia dos polos, e atração do sexo, transcende os sentidos do corpo.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> Silva, *Ibid.* 91.

<sup>69</sup> Antonio de Pádua Dias da Silva, “A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si Literatura homoerótica e escritas de si”, em *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 36. (Março 2014), 38.

<sup>70</sup> Luís Capucho, *Cinema Orly* (Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999), 112.

Os romances do autor procuram mostrar atividades típicas da subcultura gay, como maquiagem, encontros em lugares secretos, usando também um vocabulário específico dessa comunidade.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> Silva, *Ibid.* 95.

## 5. Caio Fernando Abreu

Caio Fernando Abreu nasceu em 1948 na cidade de Santiago-RS, perto da fronteira com Argentina e Uruguai. Na adolescência morou em Porto Alegre, já adulto em São Paulo e no Rio de Janeiro mas também na Europa, em Londres e Estocolmo. Começou a escrever já na infância; aos treze anos ganhou o seu primeiro concurso literário e aos dezoito publicou a sua primeira coletânea de contos na revista *Cláudia*. Caio Fernando Abreu dedicou-se à literatura até 1996, o ano da sua morte.

Em 1967 escreveu seu primeiro romance *Limite branco*, publicado em 1971. No mesmo ano, em 1967, envolveu-se com a revista *Veja*, o que o levou a se mudar para São Paulo, onde teve problemas de adaptação e começou a sofrer de depressão. Ele retratou sua vida na metrópole, descrevendo a vida noturna e o ambiente de clubes, bares e saunas, em inúmeras cartas que dedicou aos amigos da indústria cultural e artística.<sup>72</sup>

Em 1972, o autor publicou a coletânea de contos *Inventário do irremediável*. Nela exprimiu sentimentos como solidão, medo ou incerteza, captando simultaneamente a atmosfera na sociedade brasileira durante a ditadura militar.<sup>73</sup> Em 1973, ele foi para a Europa, sobre a qual escreveu o conto “Lixo e purpurina”, publicado mais tarde no livro *Ovelhas negras*. Neste conto, o autor captou a sua vida difícil no velho continente, onde se viu numa situação financeira precária, trabalhou como ajudante de cozinha em restaurantes e muitas vezes ficava sem comida. Em 1975, publicou a coletânea de contos intitulada *O ovo apunhado*, fortemente influenciada pela obra literária de Clarice Lispector, mas também pelo uso de diversas drogas. No mesmo ano, o Serviço Nacional de Teatro premiou a sua peça *Ele poderia ser apenas o leiteiro do lado de fora*, que foi, porém, logo censurada pelo regime.

---

<sup>72</sup> Jo Nascimento, Cyro Roberto de Melo, “Caio Fernando Abreu: a literary biography,” em *JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education*. v. 3, n. 1 (Junho 2020), 23.

<sup>73</sup> Aline Azeredo Bizello, “Caio Fernando Abreu e a ditadura militar no Brasil”, em *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas Dossiê: a literatura em tempos de repressão*. v. 1 (Junho 2005), 2.

A vida e a obra de Caio Fernando Abreu nos anos seguintes foram marcadas por um acontecimento de 1975, quando foi preso com um grupo de amigos porque o grupo incluía uma pessoa engajada no ativismo político. Essa experiência aparece no seu livro de contos *Pedras de Calcutá*, publicada em 1977, a partir do qual o autor passou a abordar abertamente o tema da homossexualidade e a posição da comunidade LGBT na sociedade marcada por uma ditadura repressiva.

Caio Fernando Abreu focou em temas como contracultura, solidão e decadência, captando a trajetória de sua geração com os seus sonhos perdidos, principalmente na sua próxima coleção, *Morangos mofados*, publicada em 1982. Além desses temas, o autor no livro tenta atacar a homofobia existente na sociedade brasileira, mostrando como as relações homossexuais podem ser harmoniosas, felizes e sinceras.<sup>74</sup> Nas histórias, relações gays e homoeróticas desafiam os discursos hegemônicos e a heteronormatividade, e os personagens gays são frequentemente descritos como criaturas divinas. Também aparece o conceito de carnaval que representa o contexto em que a orientação sexual não importa e onde as pessoas podem exprimir livremente a sua identidade.<sup>75</sup>

Como o autor passou a vida em diversos lugares, ele não teve muitos relacionamentos estáveis. Essa volatilidade e a busca constante pelo afeto e pelo Outro parece ser um tema muito comum na sua obra. Embora Abreu se tenha tornado um autor bastante conhecido, ele lutava para ganhar a vida como escritor, afirmando que seu trabalho era subestimado e que ganhava leitores principalmente devido à admissão pública de sua doença de AIDS.<sup>76</sup>

Em 1983, Caio ganhou o prêmio Jabuti pela coletânea de contos intitulada *Triângulo das águas*. Nela trata de uma sociedade que começa a vivenciar a redemocratização, abordando também, pela primeira vez na história da literatura brasileira, o tema da AIDS. *Os dragões não*

---

<sup>74</sup> Carolina Castellanos Gonella, “Beautiful male bodies: gay and male homoerotic relationships in Caio Fernando Abreu’s ‘Morangos mofados’”, em *Chasqui* 44, n. 2 (Janeiro 2015), 274.

<sup>75</sup> Ibid.

<sup>76</sup> Ibid.

*conhecem o paraíso* é outra obra que ganhou o prêmio Jabuti, em 1988; nela dedica-se novamente aos temas como AIDS, amor ou solidão.<sup>77</sup>

Um ano depois, o autor publicou seu segundo e ao mesmo tempo último romance, *Onde andaré Dulce Veiga?*, que trata de temas como drogas, sexo, hippies, ou repressão da ditadura. Também apresenta personagens que são portadores do vírus HIV, incluindo a própria personagem principal. Embora a obra apresente traços autobiográficos, a doença deve ser entendida como uma espécie de metáfora da solidão.<sup>78</sup>

Nas suas obras dos anos seguintes, o autor continuou com a mesma temática, aprofundando os temas de ansiedade, esperança e busca do amor. Caio Fernando Abreu morreu de pneumonia em fevereiro de 1996. Após sua morte foram publicadas outras obras, entre eles o livro de crônicas *Pequenas epifanias* (1996), *Teatro completo* (1996) ou *Caio Fernando Abreu: Cartas* (2002).

Resumindo, podemos dizer que Caio Fernando Abreu pertenceu aos mais importantes autores do Brasil pelo facto de representar uma testemunha de sua época. Na sua obra ele captou a desilusão da sua geração, que viveu sob a opressão do regime militar.<sup>79</sup> Porém, apesar de escrever sobre a situação política e social, a sua obra não representa um documentário ou jornalismo, pois o autor combina factos reais com ficção. Ao captar a atmosfera durante a ditadura militar, Caio Fernando Abreu trouxe novos temas na literatura brasileira, como o homoerotismo ou a epidemia de AIDS, associando-os aos temas clássicos na literatura, como a solidão e a busca pelo amor.<sup>80</sup>

---

<sup>77</sup> Nascimento, Melo. 26.

<sup>78</sup> Ibid.

<sup>79</sup> Bizello, Ibid. 1.

<sup>80</sup> Nascimento, Melo, Ibid. 23.

## 6. Análise

Nesta parte abordaremos o tema do homoerotismo do ponto de vista prático, ou seja, vamos fornecer uma análise do tema nos cinco contos escolhidos de Caio Fernando Abreu. Em relação a cada um conto, analisaremos o modo de como o autor retrata os homens homossexuais, o estilo da escrita do autor para descrever os protagonistas homossexuais e os seus atos e tentaremos encontrar os temas principais e parciais. Levando em conta o fato de se tratar do autor conhecido como uma testemunha da sua época, poremos ênfase nas possíveis reflexões e influências do então regime político em cada conto.

Para a nossa análise, escolhemos os contos “Caçada” e “Uma história de Borboletas” da coletânea *Pedras de Calcutá* (1996), “Além do ponto” e “Terça-feira gorda” do livro *Morangos Mofados* (1982) e “Linda, uma história horrível” da coleção *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988).

Começaremos pela análise do conto “Uma história de Borboletas”, cujo tema principal é loucura. Apontaremos os modos de como o tema da loucura é descrita e como ela funciona para destacar outra questão relacionada aos homossexuais, nomeadamente a marginalização deles.

A seguir, no conto “Caçada” deparemos com a descrição dos lugares onde os homossexuais se costumavam reunir e analisaremos a visão “por dentro” da vida cotidiana deles. Além disso, abordaremos sobretudo o tema da violência quanto física tanto psicológica contra os homossexuais.

Depois, olharemos para o tema do conflito interior de um homem homossexual no contexto urbano através do conto “Além do ponto”, que aborda questões como desejos ou medo de rejeição.

Em “Terça-feira gorda” voltaremos à violência física que os homossexuais enfrentavam e analisaremos as atitudes paradoxais da sociedade brasileira nomeadamente em relação ao carnaval.

Por último, trataremos da tabuização e estigmatização da homossexualidade e principalmente da AIDS/HIV, o tema que Caio Fernando Abreu trouxe como primeiro à literatura brasileira e examinaremos o estilo que o autor utilizou para abrir este novo tema.

### **6.1 “Uma história de borboletas”**

“Uma história de borboletas” de Caio Fernando Abreu é um conto do livro *Pedras de Calcutá*, publicado em 1977 pela editora Alfa-Omega e é o quarto livro do autor. A obra é sobretudo de natureza política e é um testemunho e uma crítica aos tempos sombrios da ditadura brasileira e à crise económica da década de 1970. O período em que a obra foi publicada foi caracterizado pela liderança do general Ernest Geisel, pelo ressurgimento de movimentos estudantis, como a abertura gradual à democracia, que finalmente veio em 1985. Além do carácter crítico, a obra também incorpora elementos místicos e homoeróticos e elementos de loucura. O homoerotismo e a loucura são os motivos centrais do conto Uma história de borboletas.

O conto é uma narrativa em primeira pessoa, especificamente há um narrador-personagem, pois o narrador não só nos apresenta a história, mas também é o personagem principal. No centro da história está um casal homossexual que sofre, gradualmente, de alucinações psíquicas, pensando que de suas cabeças brotam borboletas. As borboletas começam a aparecer primeiro no companheiro do narrador, André. Se se trata de borboletas coloridas, é uma demonstração de carinho, mas se são pretas, o comportamento de André muda radicalmente para agressivo. A história começa no momento em que o narrador leva André, enloquecido, para um hospício psiquiátrico. Depois que André é internado no hospício, o próprio narrador começa a sofrer uma certa transformação, e em casa passa a apresentar os

mesmos sintomas de seu companheiro André, ou seja, encontra borboletas nos cabelos. Posteriormente, o próprio narrador é levado pelos vizinhos ao mesmo hospício, onde se reencontra com seu companheiro e juntos passam um tempo a encontrar borboletas nos cabelos.

Como a crítica tem demonstrado, este conto oferece diversas leituras. Uma delas parte do facto de que não está claro se André e o narrador-personagem de facto não representam a mesma pessoa, ou seja, se André não é apenas o produto de alucinações do próprio narrador-personagem.<sup>81</sup> Embora este argumento não possa ser confirmado com certeza, o próprio texto, logo no início, nos fornece a possibilidade desta interpretação:

André enlouqueceu ontem à tarde. Devo dizer que também acho um pouco arrogante de minha parte dizer isso assim – enlouqueceu –, como se estivesse perfeitamente seguro não só da minha sanidade mas também da capacidade de julgar a sanidade alheia. Como dizer então?<sup>82</sup>

Os indícios de que o narrador é, na verdade, aquele que sofre de alucinações encontram-se em diversas partes do texto, à medida que o conflito se desenvolve no próprio narrador, que começa a duvidar da sua própria sanidade. Isso significa que, se o próprio narrador fosse alucinado, isso contrariaria tudo o que ele nos tem contado desde o início, deslegitimando assim a própria existência do seu companheiro André.

Esta leitura também é apoiada pelo facto de que a relação entre o narrador e André funciona como uma relação de espelhamento, ou seja, a perda de sanidade de André também se reflete no narrador, manifestando-se no momento em que ele também começa a sofrer de alucinações em forma de borboletas. Um factor importante no relacionamento deles é também a existência de uma certa vigilância, tanto da parte do narrador que vigia o tempo todo o companheiro, quanto dos vizinhos que no final levam o próprio narrador ao hospício.<sup>83</sup>

Partindo desta leitura não totalmente clara, podemos admitir que o conto de Caio Fernando Abreu trabalha com o elemento do fantástico. Segundo Todorov o fantástico se baseia

---

<sup>81</sup> Milena Mulatti Magri, “Loucura e repressão política e social em Caio Fernando Abreu”, *Web Revista Linguagem, Educação e Memória*, n.14, v. 14 (2018) 79.

<sup>82</sup> Caio Fernando Abreu. *Pedras de Calcutá* (Sao Paulo: Companhia das Letras, 1996), 98.

<sup>83</sup> Magri. *Ibid.* 80.



na existência de acontecimentos inusitados, estranhos e assustadores.<sup>84</sup> O fantástico representa, portanto, um fenômeno que se situa entre o natural e o sobrenatural, onde existe uma hesitação entre as explicações.<sup>85</sup> Contudo, é importante salientar que o elemento do fantástico na obra de Caio Fernando Abreu serve também para apresentar o conflito entre o sujeito e a repressão da sociedade e do Estado. Esse conflito manifesta-se no conto em associação ao tema da loucura.

Com base na parte teórica deste trabalho, podemos afirmar que o conflito entre o sujeito e a sociedade e o Estado, neste conto, aponta principalmente para o conflito entre os homossexuais e a política repressiva da ditadura. Como já foi dito, segundo as autoridades, os homossexuais tiveram uma influência negativa sobre a sociedade brasileira e estavam, portando, alvo da política de “higienização” do país. Simultaneamente, a homossexualidade era paradoxalmente vista pelas autoridades como um grande tabu social, apesar do facto de os homossexuais enfrentarem diariamente perseguição e silenciamento. Além disso, os homossexuais eram vigiados e discriminados não só pelas autoridades estatais, mas também, em locais públicos, pela própria sociedade majoritária. A constante vigilância e perseguição levou muitas vezes ao completo isolamento deles, pois o medo do *bullying* e da possibilidade de ser preso estava sempre presente na sua comunidade.

Esta realidade social parece ser representada, no conto analisado, pelo motivo da vigilância do narrador e de André pelos vizinhos e por outras pessoas ao redor deles:

...cheguei a reconhecer alguns dos vizinhos que nos observavam sempre, o homem do bar da esquina, o jardineiro da casa em frente, o motorista do táxi, o síndico do edifício ao lado, a puta do chalé branco?<sup>86</sup>

Porém, não está totalmente claro se são apenas os vizinhos e as pessoas ao redor que condenam, ou pior, intimidam o narrador e André, ou se não é também o próprio narrador quem considera a sua relação com André como socialmente inaceitável: “Mas eu sabia que eles não

---

<sup>84</sup> Tzvetan Todorov, *Introdução à literatura fantástica* (São Paulo: Perspectiva, 2007) 30.

<sup>85</sup> Karla Niels, “Narrativa fantástica: questão de leitura? ”, em *A Cor das Letras*, n. 15 (Fevereiro, 2017) 76.

<sup>86</sup> Abreu, *Ibid.* 105.

admitiriam: quem havia visto o que eu via não merecia perdão.”<sup>87</sup> Assim é bem possível que o autor queira mostrar que os próprios homossexuais, cujo comportamento era inaceitável para a época e totalmente contrário aos padrões criados pela heteronormatividade, praticaram frequentemente uma autocensura.<sup>88</sup>

Neste conto, apresenta-se uma crítica não só às políticas repressivas da ditadura, mas também aos padrões de normatividade estabelecidos pela sociedade. Porém, não se trata de apresentar um espelho da sociedade apenas através do tema da loucura, mas também através do tema da relação homoerótica, que naquela época era sem dúvida um dos maiores desvios da normatividade.<sup>89</sup>

Talvez o próprio narrador nos conte, até certo ponto, como o mundo deveria ser segundo ele em sua forma ideal, quando descreve o estado em que André se encontra.:

Pensei em levá-lo para uma clínica, lembrava vagamente de ter visto no cinema ou na televisão um lugar cheio de verde e pessoas muito calmas, distantes e um pouco pálidas, com o olhar fora do mundo, lendo ou recortando figurinhas, cercadas por enfermeiras simpáticas, prestativas. Achei que André seria feliz lá.<sup>90</sup>

Porém, sabemos que no final o André não ficou internado nesta clínica, mas sim num hospício psiquiátrico, uma vez que não tiveram de pagar por ele. Porém, esse hospício também era o oposto da clínica descrita, pois os demais pacientes eram, segundo o narrador, “feios, sujos, alguns desdentados, as roupas listradinhas, encardidas, fedendo.”<sup>91</sup> Além disso, a própria equipe não foi tão simpática quanto na descrita clínica, e o próprio médico não lhe deu palavras de conforto nem garantia de que seu companheiro seria bem cuidado: “Pensei que o médico ia colocar a mão no meu ombro para depois dizer coragem, meu velho, como tenho visto no

---

<sup>87</sup> Ibid. 106.

<sup>88</sup> Magri, Ibid. 81.

<sup>89</sup> Guilherme Zubaran de Azevedo, “História e literatura: as vozes de uma geração nos contos de Caio Fernando Abreu”, em *Oficina do Historiador*, v. 3, n. 2 (Agosto 2011) 135.

<sup>90</sup> Abreu, Ibid. 98.

<sup>91</sup> Ibid. 101.

cinema. Mas ele não fez nada disso.”<sup>92</sup> Então nos deparamos aqui com a realidade de como são tratadas as pessoas que são loucas, ou seja, que fogem da norma padrão.

Portanto, podemos argumentar que a narrativa oferece uma certa crítica ao comportamento e à sexualidade padronizados, com o objetivo de destacar a necessidade da liberdade do ser humano. O motivo das borboletas, destacado já pelo título do conto, simboliza a vida, a liberdade e a transformação. Podemos supor que Caio Fernando Abreu tenha utilizado o motivo central da narrativa, das borboletas voando, para apontar para a necessidade de transformar o funcionamento e o pensamento da sociedade e para criticar a forma como a sociedade expulsava e oprimia sujeitos considerados como marginais. Por outro lado, como já mencionado na obra, as borboletas não apresentam apenas sentimentos de alegria e liberdade, mas também sentimentos de agressão, acusação ou mesmo sabotagem. Para distinguir esses sentimentos, o autor utilizou cores - as coloridas deveriam representar sentimentos positivos, as borboletas pretas, ao contrário, representam agressão e deterioração do estado psicológico.<sup>93</sup>

Porém, as borboletas também deveriam representar uma certa destruição da norma, já que vêm da cabeça, que representa a razão e a lógica. Podemos dizer que as borboletas estão ligadas ao tema do homoerotismo, que contorna a norma heteronormativa usual. À medida que os personagens descobriam as borboletas nas cabeças, iniciou-se o processo de desconectá-los da realidade, assim como a relação homoerótica os desconecta do mundo e das normas que os cercam.<sup>94</sup>

As borboletas funcionam, assim, como uma espécie de alegoria ao homoerotismo, ou seja, à realidade que indivíduos ou casais homossexuais tiveram que vivenciar na sociedade brasileira devido às permanentes perseguições e bullying. Tal como as borboletas, a própria homossexualidade levou-os para isolamento, tormento e repressão. É o isolamento e a repressão

---

<sup>92</sup> Ibid.

<sup>93</sup> Alessandra Leila Borges Gomes Fernandes, Yago Rhaynan, “Loucura ensimesmada: a outra história das borboletas”, em *Vitória*, n. 40 (Novembro 2021) 366.

<sup>94</sup> Ibid.

que surgem das borboletas que criaram a loucura em nossos personagens. Por Foucault, a loucura é percebida como uma forma utilizada pela sociedade para marginalizar determinados grupos, neste caso os homossexuais. Por outro lado, a loucura pode representar um meio de suprimir a própria realidade em que viveram nossos personagens homossexuais.<sup>95</sup>

## 6.2 “Caçada”

O conto “Caçada” saiu em 1977, na coletânea *Pedras de Calcutá*. Como já mencionamos, este terceiro livro do gênero de conto, que o autor publicou, é considerado uma espécie do espelho dos anos de chumbo, testemunhando os tempos sombrios da ditadura militar brasileira. O conto “Caçada” não foge à regra e aponta para a cruel realidade em que viviam os homossexuais nesse período.

O conto pertence às narrativas mais curtas do livro. A história é apresentada pelo narrador onisciente, passando-se numa noite no Rio de Janeiro. A maior parte da narrativa decorre na pista de dança de uma boate, dedicada sobretudo aos homens homossexuais. Logo no início do conto, o narrador nos descreve detalhadamente um homem que atraiu fisicamente o protagonista. Em seguida, o protagonista, bêbado e aparentemente confuso devido ao fato de ter consumido muito álcool, tenta fazer contato com o descrito homem.

A seguir, o protagonista observa os gogô dançarinos que acompanham a atuação da travesti e, por meio do narrador, nos são descritas as sensações ao redor, como a fumaça, o cheiro de álcool, o barulho e as partes íntimas dos outros homens na pista de dança. Por causa do álcool, o protagonista começa a sentir-se mal e decide ir à casa de banho, onde observa práticas sexuais dos outros homens. Ao voltar, o protagonista com o outro homem decidem sair do clube e de seguida estão a caminho de uma espécie de jardim ou parque, ultrapassando os motoristas dos taxis em frente do clube com olhares maldosos. À medida que os dois homens avançam pela escuridão do jardim, o protagonista nota algumas silhuetas emergindo da

---

<sup>95</sup> Ibid. 377.

folhagem e começa a sentir um perigo potencial. No final, é confirmado que se trata de uma ameaça real e o protagonista acaba por ser brutalmente espancado e fica claro que se deixou levar para uma armadilha, aludindo assim ao próprio título.

Logo no início do conto deparamos com uma descrição bastante detalhada que é característica para a obra de Caio Fernando Abreu. O narrador nos apresenta um homem que atraiu a atenção do protagonista, descrevendo em pormenores as roupas e a aparência dele, como vimos no próximo trecho:

Viu primeiro a medalha, corrente dourada confundida entre os pêlos do peito, camisa laranja janelada desvendando a selva onde se perderia, viu depois, antes de descer os olhos pela linha vertical dos pequenos botões brilhantes, ultrapassar o cinturão de couro para deter-se no volume realçado pela calça branca muito justa esticada contra coxas que imaginou espessas como o peito (denso matagal úmido) para onde novamente subia os olhos (rijos mamilos atrás do pano), o móvel pomo-de-adão, o azulado da barba e miúdos olhos vivos (verdes?) sob grossas sobrancelhas negras unidas sobre um brusco nariz, e então um brilho de dentes, riso/convite, por trás dos beiços vermelhos.<sup>96</sup>

Caio Fernando Abreu tenta mostrar-nos a vida dos homossexuais diretamente “por dentro”, para descrever detalhadamente como eram os lugares onde os homossexuais costumavam se encontrar e se divertir e também a atração sexual entre os dois homens homossexuais. Essa visão “por dentro” é o meio pelo qual Caio Fernando Abreu introduz uma maior subjetividade, tentando retratar suas próprias experiências.<sup>97</sup>

Para termos ainda melhor percepção de como eram os clubes homossexuais e que tipo de pessoas os visitavam, o autor também incluiu no conto a personagem da travesti – esta é definida como alguém que adota roupas, comportamento e hábitos do sexo oposto.<sup>98</sup> No conto, a personagem travesti é cantora do determinado clube e tenta engajar o público:

... pela luz do spot, a voz dublada da cantora como se saísse da própria e delicada garganta da bichinha, gogó saliente mal disfarçado pela fita de veludo [...] sob o spot, o travesti: nós-gostamos-de-você: todo mundo agora: nós-gostamos-de-você ...<sup>99</sup>

---

<sup>96</sup> Abreu, Ibid. 66.

<sup>97</sup> Flávia Merighi Valenciano, “O tema da homossexualidade em João Antônio e Caio Fernando Abreu”, em *Revista Crioula*, n. 4 (Novembro 2008) 11.

<sup>98</sup> travesti - Dicionário Online Priberam de Português

<sup>99</sup> Abreu. Ibid. 67.

As travestis eram vítimas frequentes de discriminação e violência extrema, especialmente durante a ditadura militar brasileira. Em 1993, Luiz Mott, fundador do movimento “Grupo Gay da Bahia”, em colaboração com movimentos internacionais, publicou os resultados de um estudo cujo objetivo era analisar a discriminação geral e a violência física dirigida contra homossexuais. Descobriram que a cada quatro dias um homossexual era brutalmente assassinado, e a maioria deles eram travestis.<sup>100</sup> O estudo afirma ainda que nos primeiros três meses de 1993, 17 travestis foram assassinadas só em São Paulo.<sup>101</sup> É preciso perceber que essas estatísticas se referem aos anos posteriores ao fim da ditadura militar brasileira, portanto os números de vítimas poderiam ter sido muitas vezes maiores durante o funcionamento do regime militar. Travesti pode, portanto, ser considerada uma personagem significativamente controversa para a época em que o conto foi escrito e publicado.

Além de a figura da travesti ser controversa, ela também é uma figura que era percebida com muita ambiguidade, principalmente pela sua importância no carnaval brasileiro. Foi durante o carnaval brasileiro que os homens se fantasiaram de mulheres, usando saias ou turbantes femininos. Homens fantasiados de mulheres afro-americanas tornaram-se uma parte tradicional deste evento. Essa ambiguidade de tolerância sexual foi permitida pela abertura do carnaval e pela ideia de que uma pessoa poderia ser qualquer coisa durante o evento. No entanto, esta tolerância e abertura à sexualidade foram rapidamente substituídas pela discriminação e pela violência brutal após o fim do carnaval.<sup>102</sup>

No caso do conto selecionado, porém, não se trata da representação do ódio ou da discriminação dirigida à personagem da travesti, mas podemos dizer que Abreu, utilizando a perspectiva “por dentro”, tenta nos mostrar o outro lado da vida dos homossexuais durante a ditadura militar instaurada, ou seja, nos mostra que apesar da política discriminatória e violenta

---

<sup>100</sup> James N. Green, *Além do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX* (São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999) 24.

<sup>101</sup> Green, *Ibid.* 25.

<sup>102</sup> *Ibid.* 23.

estabelecida contra minorias sexuais, os próprios homossexuais tentavam levar uma vida normal, chegando até a se reunir em locais onde eram maioria.

O autor utiliza a linguagem bastante explícita para nos descrever o comportamento homossexual, sobretudo se tivermos em conta a situação social da época em que a obra foi escrita e publicada. Abreu descreve detalhadamente as áreas íntimas dos corpos masculinos, a atração sexual entre homens homossexuais, e também não descarta a descrição explícita das práticas sexuais, como podemos ver no trecho a seguir:

Inundado de mijo, a loura travestida masturbando o negro alto de âncora dourada no blazer, presságio de viagem, recompôs meticuloso enquanto a náusea rolava garganta abaixo para cair fundo no estômago, âncora dourada, a bainha das calças mergulhada no mijo cobrindo o sujo dos mosaicos, olhou desamparado o cano subindo da privada à caixa, os dedos das mãos de unhas esmaltadas e um anel desses de diploma aumentando o descascado da parede verde gosma, verde visgo, a palma úmida da mão enterrada na gosma verde viva da parede.<sup>103</sup>

O clímax deste conto ocorre quando os dois homens saem do clube:

Ultrapassaram os táxis estacionados, a malícia contida dos motoristas e uma quase madrugada querendo brotar por trás da cartolina dos edifícios, as duas filas de coqueiros onde lixou as palmas das mãos, e depois a rua verde-vermelho e depois o parque e depois a grama molhada verde sobrenatural do mercúrio (umidade através das solas dos sapatos), acender dois cigarros, estender a mão jogando fora o fósforo para colher devagar o rijo fruto, aqui não, nego, muito claro (a voz mais rouca), esgar no canto da boca fumaça alça metálica, conheço um lugarzinho especial, recanto chinês.<sup>104</sup>

Ao saírem, os homens são observados por taxistas, cujos olhares são descritos como acintosos, pelo que o autor alude à percepção negativa dos homossexuais na sociedade. Pode-se dizer que o clube foi percebido como um lugar seguro para os homossexuais, pois que nele não enfrentaram a realidade cruel, ou seja, nenhuma forma de discriminação ou ódio. Quando os homens saíram do clube, porém, aperceberam-se logo desta realidade cruel existente fora dos lugares percebidos como seguros.

Ao caminharem pelo parque, o narrador começa a notar uma ameaça potencial:

Avançaram pelo escuro cada vez mais denso até o pequeno templo, missa, ritual, liturgia secreta, ariscas silhuetas entre as folhagens, irmãos de maldição tão solitários que mesmo nos iguais há

---

<sup>103</sup> Abreu, *Ibid.* 67.

<sup>104</sup> *Ibid.* 68.

sempre um inimigo, contraponto de grilos, gemidos e suspiros leves como folhas pisadas numa dança, dentro não, muita bandeira, aqui no canto.<sup>105</sup>

Neste trecho do conto, o autor abre dois temas importantes: a solidão e os inimigos entre os próprios homossexuais. A solidão é algo que os homossexuais costumam vivenciar ainda mais intensificamente durante o funcionamento da ditadura, pois, como já vimos na parte teórica deste trabalho, foi o regime e o enquadramento autoritário da sociedade que fez com que os homossexuais se encontrassem à margem da sociedade. Aliás, o tema da solidão é um tema importante e muito frequente de Caio Fernando Abreu.<sup>106</sup> Por outro lado, o autor fala de um potencial inimigo entre os seus, o que pode significar que se trata de uma ação planejada, remetendo ao próprio título do conto “Caçada”.<sup>107</sup>

Ao final da história, ficamos sabendo que a suspeita se confirma:

...de repente as silhuetas destacadas da massa de folhagens e de repente o cerco e de repente o golpe, suspeita confirmada ...<sup>108</sup>

O homem é brutalmente espancado no final, mas o seu companheiro não, o que explica a afirmação de que o inimigo pode ser encontrado entre os “iguais”. Portanto, podemos dizer que o homem se deixou atrair para a armadilha com a ajuda do companheiro. A desconfiança, ou seja, a suspeita podem resultar de uma certa paranóia que os homossexuais podem ter vivido com agressões homofóbicas. Assim, o conto aponta, sem dúvida, para a violência contra os homossexuais, que não era apenas física, mas também psicológica.<sup>109</sup>

### 6.3 “Além do ponto”

“Além do Ponto” é um conto do livro *Morangos Mofados*, que é a quarta coletânea de contos de Caio Fernando Abreu. O livro foi publicado em 1982 pela editora Agir e trouxe

---

<sup>105</sup> Ibid.

<sup>106</sup> Jessé Carvalho Lebkuchen, Alfeu Sparemberger, “Perspectivas narrativas acerca da homossexualidade masculina na literatura brasileira: da história à contemporaneidade”, em *Redes, conexões e memória: os espaços da mídia, literatura e cultura* (Dezembro 2020) 67.

<sup>107</sup> Valenciano, Ibid. 10.

<sup>108</sup> Abreu, Ibid. 67.

<sup>109</sup> Valenciano, Ibid. 10.



ao autor reconhecimento internacional como contista. A coletânea é dividida em três partes – “O Mofo”, “Os Morangos” e “Morangos Mofados”. Os nomes “morangos” e “mofados” não são acidentais, mas têm um carácter metafórico, uma vez que os morangos supostamente representam fruta vermelha, succulenta, aliás, em forma de coração, mas estes morangos são mofados, o que deveria referir-se à época da ditadura, quando a obra foi escrita. O mofo pretende representar destruição ou morte, que se refere à destruição dos sonhos característicos daquele período.

Não é uma obra que irradia esperança em um futuro melhor, nem fala sobre a fé na transformação da sociedade brasileira. Ela se caracteriza pela ausência de um final feliz na maioria dos contos. Apesar de não haver ligação temática entre as histórias, os personagens estão unidos pela tristeza, dor emocional e sensação de impotência para mudar a opressão, os preconceitos e a violência existente na sociedade.

O conto “Além do Ponto” é narrado em primeira pessoa na forma de um monólogo interior e conta a história de um homem, cujos dados pessoais desconhecemos, que caminha com uma garrafa de conhaque em busca de um homem, com quem parece ter uma relação íntima. O homem caminha em direção à casa do referido homem na noite fria e chuvosa, enquanto várias questões existenciais começam a surgir no seu pensamento, junto com o medo de que o outro veja quem ele realmente é de que o rejeite. Trata-se de um homem decadente que se encontra em uma situação de vida difícil, estando emocionalmente deprimido e sem dinheiro. A sua mente está marcada por um conflito pessoal e pela desesperança no que se refere a um futuro melhor. Depois de um doloroso caminho cheio de ideias de desespero, o homem finalmente se vê diante da casa do seu amado, mas depois de bater constantemente na porta, ele percebe que ninguém está realmente a esperar por ele.

Um dos temas principais deste conto é, sem dúvida, o conflito interno que acompanha o personagem principal ao longo de toda a narração. O conflito interno de se reflete em fenômenos externos, como chuva, frio, vento, mas também nas sensações que ele mesmo

vivencia, como estados de tristeza, felicidade, fome ou uma garrafa quebrada de álcool que cheira suas roupas. São esses sentimentos que refletem a situação de vida do protagonista em que se encontra.

Este conto oferece, na verdade, várias leituras, uma delas é que o protagonista vai à casa de um homem com quem mantém uma relação íntima e homoerótica. O já mencionado conflito interno parece decorrer da própria relação entre os dois homens. Vemos que é justamente o afeto pelo outro homem que provoca a forte sensibilidade do protagonista, pois os sentimentos de dúvida, subestimação, desespero e insatisfação consigo mesmo decorrem do medo da rejeição pelo outro.<sup>110</sup> A hipersensibilidade do personagem principal pode ser demonstrada através do próximo trecho:

...tudo que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era.<sup>111</sup>

Vemos que o protagonista entra em conflito e confusão interna, principalmente porque ele próprio não é quem gostaria de ser, sobretudo no que diz respeito à outra pessoa a quem não quer decepcionar. Ele não consegue acabar com esta autocrise, como se exemplifica no trecho seguinte:<sup>112</sup>

... e tive vontade de voltar para algum lugar seco e quente, se houvesse, e não lembrava de nenhum, ou parar para sempre ali mesmo naquela esquina cinzenta que eu tentava atravessar sem conseguir, os carros me jogando água e lama ao passar, mas eu não podia, ou podia mas não devia, ou podia mas não queria ou não sabia mais como se parava ou voltava atrás...<sup>113</sup>

Por outro lado, tal como o conto “Uma história de borboletas”, esta narrativa oferece mais do que uma leitura possível. Embora fique claro que o personagem principal não

---

<sup>110</sup> Thaís Lydia dos Santos, Maria Fernanda Garbero de Aragão, “O (des)concerto do afeto: uma leitura de Além do ponto de Caio Fernando Abreu”, em *Cadernos do CNLF*, v. 9, n. 5 (Janeiro 2011), 2144.

<sup>111</sup> Caio Fernando Abreu, *Morangos Mofados* (Rio de Janeiro: Agir Editora Ltda, 2005), 45.

<sup>112</sup> Santos, Aragão, *Ibid.* 2146.

<sup>113</sup> Abreu, *Ibid.* 45.

encontrará o seu homem no final, não é tão claro porque. Uma das possibilidades é que o homem não está à espera do protagonista, porque não se trata de uma relação amorosa mútua. Outra possibilidade é que os dois homens tivessem um relacionamento amoroso mútuo, mas isso já é passado e eles não são mais um casal. A última explicação possível é que se trata de um homem inexistente que nunca existiu de facto e o personagem principal apenas o sonhou ou inventou.

Para apoiar o facto que existe uma relação amorosa entre os dois homes, até mesmo que os dois têm interação sexual, podemos utilizar o próximo trecho:

... aí beberíamos o conhaque, fazia frio, nem tanto frio, mais umidade entrando pelo pano das roupas, pela sola fina esburacada dos sapatos, e fumaríamos, beberíamos sem medidas, haveria música, sempre aquelas vozes roucas, aquele sax gemido e o olho dele posto em cima de mim, ducha morna distendendo meus músculos.<sup>114</sup>

Porém, o facto de que seria realmente uma relação homossexual é, até certo ponto, apenas hipotético, pois as afirmações são muito subjetivas e implícitas, que também podem apoiar a opinião de que se trata apenas de uma pura imaginação do personagem principal, em outras palavras, a própria existência do outro homem também é puramente hipotética.

Essa fragmentação e confusão entre o que é real e o que é apenas imaginado amplifica o estado decadente do personagem, sobretudo o estado de solidão, podemos dizer também que o homem tem problemas em formar relacionamentos interpessoais, pois sabemos que ele tem medo de ser rejeitado. É justamente esse medo das relações interpessoais que pode decorrer do contexto do ambiente urbano em que está inserido, pois é justamente esse ambiente que cria na pessoa um sentimento de solidão e de não ser acolhido.<sup>115</sup>

Embora tenhamos mencionado que ao longo do seu caminho o personagem principal nos conta sobre um futuro encontro com o homem, ele não tem certeza se deseja continuar esta

---

<sup>114</sup> Ibid.

<sup>115</sup> Milena Mulatti Magri, “Sujeito, cidade e experiência urbana em Caio Fernando Abreu”, em *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, v. 12 (Junho 2008), 109.

aventura ou retornar. Porém, ficamos sabendo que ele quer ir, como diz o título do conto, além do ponto:

...eu tinha que continuar indo ao encontro dele, que me abria a porta, o sax gemido e quem sabe uma lareira, pinhões, vinho quente com canela e cravo, essas coisas do inverno, e mais ainda, eu precisava imaginar o agradável para deter essa vontade de voltar ou ficar, tem um ponto, eu descobria, que você perde o comando sobre suas próprias pernas...<sup>116</sup>

O ponto pode referir-se à relação homossexual de forma metafórica, é algo que o protagonista deseja vivenciar, mas por outro lado, é algo de que ele tem medo, principalmente de que seu desejo seja descoberto. Então podemos dizer que o protagonista tem medo que as pessoas descubram que ele está envolvido numa relação homossexual, tem medo de se assumir.

Podemos ver esse conflito interno no texto a seguir:

... descoberta tortuosa que o frio e a chuva não me deixavam mastigar direito, eu apenas começava a saber que tem um ponto, e eu dividido querendo ver o depois do ponto e também aquele agradável dele me esperando quente e pronto.<sup>117</sup>

Se concordarmos com a interpretação de que se trata da metáfora para a homossexualidade, podemos também afirmar que o próprio título do conto “Além do ponto” pode assim referir-se à superação de obstáculos, como o medo das reações dos outros à homossexualidade. O próprio título fala assim de superação de limites, superação de discriminações, tabus ou mesmo medos de se assumir.<sup>118</sup>

Se nos inclinarmos para a interpretação de que se trata de uma relação homossexual, é preciso ressaltar que o conto alude à questão da discriminação e perseguição aos homossexuais na época em que o conto foi publicado. No momento da escrita do conto, os homens homossexuais enfrentavam constantemente discriminação, eram tabus e rejeitados pelas autoridades estatais, bem como pela própria sociedade.

No final, porém, ele continua sua jornada com tanta vontade que começa a se dissociar gradativamente do mundo ao seu redor, cai no chão e até começa a beber uma garrafa conhaque,

---

<sup>116</sup> Abreu, Ibid. 45.

<sup>117</sup> Ibid.

<sup>118</sup> Santos, Aragão, Ibid. 2144.

que, em fim, acaba quebrando numa pedra derramando roupas dele, que cheiram a álcool. É o álcool, neste caso o conhaque, que pode servir de certa fonte de coragem para o protagonista, para realmente continuar sua jornada até a casa do homem. Então vemos que o álcool tem o poder de mudar as decisões das pessoas, faz com que elas façam coisas que nunca seriam capazes de fazer em circunstâncias normais, sóbrias. Podemos dizer que o álcool ajudou o protagonista a superar seus medos, desafios, até lhe proporcionou algum prazer momentâneo. Por outro lado, o próprio rompimento da garrafa também pode funcionar como uma perda de esperança, o que reforça ainda mais o estado decadente do próprio personagem.

Porém, sabemos que nenhum homem o esperava no final desta dolorosa e atormentada caminhada, que o quebrou emocionalmente ainda mais. No final da história, porém, não sabemos se todos aqueles pensamentos eram apenas uma ilusão, uma imaginação, ou se no final os dois homens tiveram uma relação amorosa que já era coisa do passado.

Como mencionado, existem várias leituras deste conto. Esta outra leitura que vamos analisar oferece possibilidade de que o homem ou, em outras palavras, o “outro” que ele procura é ele mesmo. Vimos que o personagem principal passa por um conflito interno ao longo do caminho para a casa do homem, imaginando o que o “outro” pode pensar dele e por que ele pode rejeitá-lo. Assim, surge a questão se o próprio personagem principal não está a tentar criar uma nova identidade própria e, portanto, se em vez do homem ele não está a procurar principalmente o seu próprio “outro”.<sup>119</sup>

Assim podemos dizer que no final ele não está à espera de um encontro com outro homem, mas sim com o seu novo “eu”, que corresponda a quem ele realmente quer ser e como quer ser percebido pelos outros. No final, porém, como já sabemos, ele não encontra nem o homem nem o seu novo “eu”, enfrentando apenas ele mesmo, na sua forma verdadeira e original.<sup>120</sup>

---

<sup>119</sup> Ibid. 2147.

<sup>120</sup> Ibid. 2148.

A fragmentação emocional dos personagens, como vemos neste conto, é uma característica típica da obra de Caio Fernando Abreu. Os contos da coletânea *Morangos Mofados* apontam o que há de mais íntimo nas pessoas, os seus lugares vulneráveis e os momentos em que estão mais frágeis. O conto “Além do Ponto”, assim como outros do livro, falam sobre o contexto que Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês, caracterizou como uma modernidade líquida. Esta associa-se à condição humana que está em constante transformação, não é permanente, é uma sensação entre o que a pessoa espera mas ao mesmo tempo receia.<sup>121</sup>

Essa fluidez decorre do estado do mundo moderno, repleto de consumismo e materialismo, e as pessoas estão em constante busca nesse ambiente. Mesmo neste conto, o personagem principal está constantemente em busca de algo - seja o seu eu melhor, idealizado, ou o amor. Podemos dizer também que o protagonista está em busca de um mundo em que as pessoas não o rejeitem por quem ele é.

#### **6.4 “Terça-feira gorda”**

O conto “Terça-feira gorda”, assim como o conto anterior “Além do ponto”, fazem parte da coleção *Morangos Mofados*, publicada em 1982 pela editora Agir. Como já mencionámos, os textos desta coleção denunciam principalmente preconceito, descrevendo medo, fragmentação emocional, tristeza e, por último mas não menos importante, a violência vivida durante a ditadura militar brasileira. A violência é também o tema central do conto “Terça-feira gorda”, que analisaremos a seguir.

Logo no início do conto, o protagonista e ao mesmo tempo o narrador nos descreve a atração mútua entre ele e outro homem durante o último dia de carnaval:

De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Me olhava nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo

---

<sup>121</sup> Dinair de Fonte Silva, “Além do ponto: o irremediável amor”, em *Jangada: Colatina/Chicago*, n. 7 (Junho 2016), 125.

também, a boca gosmenta de tanta cerveja morna, vodca com coca-cola, uísque nacional, gostos que eu nem identificava mais, passando de mão em mão dentro dos copos de plástico.<sup>122</sup>

Brevemente, após os dois demonstrarem interesse um pelo outro em público, aparecem pessoas ao seu redor, obviamente incomodadas com a demonstração de afeto mútuo entre dois homens, e começam a perseguir os dois homens e a abusar verbalmente deles, como exemplificado no trecho a seguir:

Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse. E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos. Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar.<sup>123</sup>

Portanto, o narrador e o outro homem decidem ir à praia, onde pas expressões de afeto mútuo aumentam, mas logo o grupo que antes assediava os homens reaparece. Conseqüentemente, os dois homens são atacados fisicamente. O protagonista consegue escapar com relativa rapidez, mas o outro homem não o consegue e é brutalmente espancado até a morte.

Para entendermos os temas centrais do conto, é importante chamarmos atenção já para o próprio título do conto, pois que através dele, o autor nos apresenta o ambiente em que a história se desenrola. O título do conto refere-se ao último dia do carnaval, considerado o dia em que as pessoas aproveitam o último momento de maior diversidade e também de uma certa liberdade. Como já foi apontado, o carnaval representou e representa para as pessoas um evento quando se podem expressar livremente, quando se vestem como querem fora dos limites estabelecidos pelo Estado ou pela Igreja, em que não é necessário respeitar plenamente a hierarquia social ou as normas consuetudinárias de sexualidade, sendo também um espaço em que a orientação sexual não é contemplada.<sup>124</sup>

Como podemos perceber, o conto aponta principalmente para a violência na sociedade brasileira que, apesar de proclamar, pelo menos no período carnavalesco, o direito à diversidade e liberdade, é no fundo profundamente intolerante em relação a comportamentos que se desviam

---

<sup>122</sup> Abreu, *Ibid.* 56.

<sup>123</sup> *Ibid.* 58.

<sup>124</sup> Mikhail Bakhtin, *Problemas da poética de Dostoiévski* (Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981), 106.

dos padrões heteronormativos habituais. É importante ressaltarmos que na altura da publicação do conto, ainda não era promulgada a Constituição que aprovasse os direitos e liberdades das minorias sexuais. O crítico literário Arnaldo Franco Júnior assim descreveu esta situação paradoxal da sociedade brasileira:

... um status quo que caracteriza a vida no Brasil pelo exercício cotidiano de uma série de violências dissimuladas sob o mito do país tolerante e aberto à alteridade nos obriga a reconhecer o quanto nos falta para sermos uma sociedade democrática, pluralista, digna no que se refere ao respeito aos direitos humanos, sobretudo aos direitos das camadas 'minorias'.<sup>125</sup>

O conto é repleto de metáforas características dos contos da coleção *Morangos Mofados* de Caio Fernando de Abreu. As metáforas pretendem apontar a realidade de um homem homossexual, que demonstra afeto por outro homem durante o carnaval, indicando que nenhum dos dois homens assume a sua orientação sexual publicamente e que somente durante o evento uma relação homossexual é “aceitável”:

Eu estava todo suado. Todos estavam suados, mas eu não via mais ninguém além dele. Eu já o tinha visto antes, não ali. Fazia tempo, não sabia onde. Eu tinha andado por muitos lugares. Ele tinha um jeito de quem também tinha andado por muitos lugares. Num desses lugares, quem sabe. Aqui, ali.<sup>126</sup>

O facto de já poder vê-lo pode remeter à realidade dos homossexuais, e assim que na vida cotidiana eles não têm a oportunidade de se encontrar ou conhecer em qualquer lugar, e que o carnaval representa o lugar onde se podem conhecer melhor, até mesmo fazer contato físico. Além disso, o autor utiliza o conceito de máscaras não apenas como um acessório carnealesco, mas sobretudo como um disfarce social para esconder a repressão e violência em relação aos homossexuais. Através desta metáfora das máscaras, o autor tenta apontar também para o facto que se as pessoas não tentam mascarar ou esconder nada, neste caso a sua homossexualidade, tornam-se alvos de repressão violenta.

Podemos dizer que a narrativa aponta para a realidade dos homossexuais durante a ditadura militar brasileira, numa sociedade hipócrita, repressiva.<sup>127</sup> O carnaval tem aqui um

---

<sup>125</sup> Arnaldo F. Júnior, “Intolerância Tropical: homossexualidade e violência em Terça-Feira Gorda, de Caio Fernando Abreu”, em *Expressão*, n. 1 (Janeiro-Junho 2000), 91.

<sup>126</sup> Abreu. 56.

<sup>127</sup> Júnior, *Ibid.* 93.



caráter puramente heterossexista e violento, representando um contexto em que a celebração da liberdade é enganosa é ilusória:

O carnaval, em Terça-feira Gorda, alegoriza a própria tessitura de violência sombria mesclada a explosões circunstanciais de euforia e aparente desregramento que caracterizam um modo brasileiro de ser ‘alegre’, irresponsável e brutal.<sup>128</sup>

Porém, não é apenas o carnaval que supostamente evoca uma certa celebração da liberdade, mas também o ambiente da praia, assim como a alusão à religião afro-brasileira de candomblé. No conto está representada pela menção ao orixá Xangô, que é considerado o Pai da Justiça, aludindo à importância da luta pela liberdade e pelos direitos dos homossexuais, e ao Ogum Beira-Mar, o protetor dos indivíduos que enfrentam injustiças.<sup>129</sup>

O que é bastante notável neste conto é o facto que os homossexuais ganham muita visibilidade neste conto através da linguagem bastante explícita para descrever os atos íntimos entre os dois rapazes na praia, como vimos no trecho a seguir: “A língua dele lambeu meu pescoço, minha língua entrou na orelha dele, depois se misturaram molhadas.”<sup>130</sup> Explicitamente é descrita também a própria sedução entre eles: “Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também.”<sup>131</sup> Devemos ressaltar que este tipo de linguagem era bastante tabu e chocante para a dada época, levando em conta que se trata da descrição dos atos homoeróticos. Por esta razão, o próprio autor sofreu perseguição por parte do Departamento de Ordem Política e Social, pois que este tipo do conteúdo era percebido como imoral em relação à sociedade.<sup>132</sup>

Para acrescentar ao tema da explicitação da linguagem, o protagonista não tenta de forma alguma negar a sua homossexualidade, pois expressa diretamente em público a sua

---

<sup>128</sup> Ibid. 92.

<sup>129</sup> Rubenil da Silva Oliveira, Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, “Representações da homofobia nos contos “Terça-feira gorda” e “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu”, em *Web revista linguagem, educação e memória*, n. 14, v. 14 (Outubro 2018), 27.

<sup>130</sup> Abreu, Ibid. 58.

<sup>131</sup> Ibid. 57.

<sup>132</sup> Giovanna Sequinel Pacheco de Carvalho, Salua Iara da Silva, Luiz Rogério Camargo, “A homoafetividade em *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu”, em *Memorial TCC – Caderno da Graduação* (2020), 108.

atração por outro homem, porém, podemos dizer que o narrador tenta até certo ponto romper com a descrição estereotipada dos homossexuais, mais especificamente, tenta dizer que nenhum dos dois é de forma alguma afeminado, exemplificando-se no trecho a seguir:

Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse. E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também.<sup>133</sup>

Porém, quem considera os dois homens como afeminados é o grupo de indivíduos agressivos presentes no carnaval, como se pode ver, por exemplo, no gênero gramatical feminino que eles utilizam quando agridem verbalmente os homens: “Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam.”<sup>134</sup> Como já sabemos, a violência passou de verbal para física, o que resultou no espancamento e morte de um dos homens no final da história.

Contudo, um cadáver na praia não provoca nenhuma reação, o que corrobora o facto de se tratar de uma sociedade que segue normas sociais pré-definidas, que em caso nenhum respeita nenhum desvio de orientação heterossexual. Vemos assim que a sociedade é indiferente ao comportamento imoral, o que também é evidenciado pelo facto de o corpo do homem largado na praia não ter causado resposta ou reação nenhuma.<sup>135</sup>

Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos.<sup>136</sup>

O que apoia ainda a afirmação de que a homossexualidade era socialmente tabu na época e ao mesmo tempo havia um forte preconceito contra os membros LGBT, é o facto de nenhum dos homens, seja o narrador ou o outro homem, ter o nome e praticamente nenhuma descrição da identidade. Na sociedade brasileira, predominantemente patriarcal e

---

<sup>133</sup> Abreu. Ibid. 57.

<sup>134</sup> Ibid.

<sup>135</sup> Ana Paula F. Nobile Brandileone, “Violência e resistência em “Terça-feira gorda”, de Caio Fernando Abreu”, em *Caderno Seminal Digital*, ano 20, n. 21, v. 21 (Janeiro 2014), 231.

<sup>136</sup> Abreu, Ibid. 59.

heteronormativa, os membros da comunidade LGBT não tinham visibilidade nem importância.<sup>137</sup> Por outro lado, esta ausência da descrição da identidade dos homens pode ser explicada por falta de importância se levamos em conta que os dois homens se encontram por acaso, e por tanto, o narrador não acha relevante nomear ou identificar si mesmo ou o outro homem. Além disso, esta anonimidade é, na verdade, característica para a obra de Caio Fernando Abreu e é usada para destacar a complexidade humana.

Por outro lado, como já notamos, os homossexuais ganham muita visibilidade no conto, pois ambos os personagens homossexuais demonstram afeto público um pelo outro, mas ao mesmo tempo o que o autor nos mostra é que assim que os homossexuais ganham visibilidade, eles enfrentam uma resposta agressiva da parte conversadora da sociedade que não deseja que as minorias sexuais saiam dos seus “armários”.<sup>138</sup> Esta visibilidade é intensificada pelo uso da linguagem bastante explícita, descrevendo o contato físico íntimo dos dois homens. É preciso destacarmos que a temática da homossexualidade descrita da forma tão explícita representou uma desruptura com o canône literário da época, pois que sabemos que a literatura gay começou a ganhar maior relevância só depois do ano 2000.

### **6.5 „Linda, uma história horrível“**

O último conto que analisaremos é “Linda, uma história horrível”, que é um dos treze contos da coletânea *Os dragões não conhecem o paraíso*, publicada em 1988 pela Companhia das Letras. Entre os temas centrais das narrativa do livro estão o amor, a dor, a loucura, a desilusão, mas também a transformação do corpo humano, seja pela velhice ou pelo HIV/AIDS.<sup>139</sup> A doença de AIDS é justamente o tema central do conto *Linda, uma história horrível*, que examinaremos mais de perto a seguir.

---

<sup>137</sup> Oliveira, Simões, Ibid. 27.

<sup>138</sup> Ibid.

<sup>139</sup> Nicollas Cayann, Daniela Schwarcke do Canto, “A doença sem nome: Traduzindo Caio Fernando Abreu”, em *Sigmo, Santa Cruz do Sul* v.46, n. 87 (Agosto 2021), 137.

O personagem principal do conto e o narrador é um homem de quarenta anos, que depois de muitos anos visita sua mãe, que mora sozinha numa casa bastante degradada com sua cadela Linda, que dá, ironicamente, título ao conto. Decadente não é apenas a casa, mas também o estado em que estão o cachorro e as personagens – a envelhecida mulher e o seu filho, que está doente de AIDS, embora isso não seja explicitamente declarado nem uma vez no conto. O filho parece ter escondido a sua doença perante a mãe, mas ela percebe alterações no corpo do filho, como a queda de cabelo e a tosse, embora o filho tenha uma desculpa para cada um dos sintomas, dizendo que é por causa da idade ou por estar engasgado ao tomar café.

Parece que apesar de o filho querer muito contar à mãe sobre sua doença, durante a conversa na cozinha decadente, ele nem uma vez menciona a doença, até tentando desviar a atenção de assuntos semelhantes. O filho acaba por confessar nada à mãe, e a história termina pela cena em que o filho se olha no espelho, vendo seu corpo afetado pela doença, magro e sem cabelo.

Caio Fernando Abreu se considerava o primeiro autor brasileiro a abordar abertamente o tema da AIDS em suas obras, sendo a já citada coletânea *Os dragões não conchem paraíso* a primeira obra a discutir o tema da doença.<sup>140</sup> Porém, o tema da AIDS/HIV não é explicitamente descrito nas suas obras, e o conto *Linda, uma história horrível* não foge à regra, pois o autor fala sobre essa doença nas entrelinhas. O narrador tenta escondê-la perante a mãe, de maneira que o leitor pode adivinhar a sua doença apenas dos sintomas descritos, sobre os quais a mãe lhe faz perguntas, como pode ser observado no trecho a seguir:

Ela apertou os olhos, espiando a cara dele enquanto tomava um gole de café.  
— Que que foi? — perguntou, lenta. E esse era o tom que indicava a abertura para um novo jeito. Mas ele tossiu, baixou os olhos para a estamparia de losangos da toalha. Vermelho, verde. Plástico frio, velhos morangos.  
— Nada, mãe. Não foi nada. Deu saudade, só isso. De repente, me deu tanta saudade. Da senhora, de tudo.<sup>141</sup>

---

<sup>140</sup>José Castello. *Não quero me encaixar em prateleiras: entrevista*. (São Paulo 9 de dezembro 1995), 5.

<sup>141</sup>Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso* (São Paulo: Companhia das Letras, 1988), 14.

Como podemos perceber, a mãe começa a notar a tosse do filho, sobre a qual também começa a perguntar, mas o filho não lhe conta o real motivo e imediatamente tenta desviar a atenção para a sua saudade da mãe. Tais passagens no conto, que descrevem implicitamente os sintomas da AIDS/HIV, apontam para o estigma geral associado à doença na sociedade brasileira da época. Em comparação com os contos anteriores, nos quais apontamos a estigmatização social dos homossexuais por sua orientação sexual diferente, neste conto encontramos um homem que não só vivencia o estigma por causa de sua sexualidade, mas sobretudo pela doença que o afetou.

Além disso, ao longo do conto percebe-se que o homem deseja aproximar-se de uma pessoa, especificamente da mãe, já que parece haver bastante distanciamento emocional entre eles:

Abraçou-a, desajeitado. Não era um hábito, contatos, afagos. Afundou tonto, rápido, naquele cheiro conhecido — cigarro, cebola, cachorro, sabonete, creme de beleza e carne velha, sozinha há anos. Segurando-o pelas duas orelhas, como de costume, ela o beijou na testa. Depois foi puxando-o pela mão, para dentro.<sup>142</sup>

Nesta passagem podemos perceber que a ternura e a proximidade afetiva entre mãe e filho não é algo óbvio e natural. Pode-se dizer que o homem não é marcado apenas pelo estigma social por causa da sua provável orientação homossexual e da doença, mas é marcado também pela distância emocional na sua relação com a própria mãe, o que pode impedi-lo de ser honesto com ela e confessar-lhe seus problemas de saúde.

A exclusão social e as marcas da solidão não são visíveis apenas no homem, mas também na sua mãe, que tende a apontar para si mesma e para o seu estado de decadência através da sua cadela:<sup>143</sup>

A cadela pulou de lado, ela riu. — Só ameaço, ela respeita. Coitada, quase cega. Uma inútil, sarnenta. Só sabe dormir, comer e cagar, esperando a morte.<sup>144</sup>

---

<sup>142</sup> Abreu, *Ibid.* 14.

<sup>143</sup> Rosiene Almeida Souza, “A solidão nos contos de Caio Fernando Abreu”, em *Signo, Santa Cruz do Sul*, v. 27, n. 42 (Setembro 2002), 57.

<sup>144</sup> Abreu, *Ibid.* 14.

Como mencionado, a complicada relação entre o filho e a mãe pode ser causada não apenas pela sua doença, mas até certo ponto também pela sua sexualidade. É justamente a sexualidade do protagonista que não é mencionada neste conto, em comparação com os contos anteriormente analisados. O texto não contém passagens que descrevam explicitamente a orientação sexual do personagem, mas há lá um trecho do qual podemos deduzi-la:

E o Beto? — ela perguntou de repente. E foi baixando os olhos até encaixarem, outra vez, direto nos olhos dele. Se eu me debruçasse? — ele pensou. Se, então, assim. Mas olhou para os azulejos na parede atrás dela. A barata tinha desaparecido.

—Tá lá, mãe. Vivendo a vida dele. Ela voltou a olhar o teto:

—Tão atencioso, o Beto. Me levou pra jantar, abriu a porta do carro pra mim. Parecia coisa de cinema.<sup>145</sup>

Não está totalmente claro se Beto e o protagonista formaram um casal no passado, mas o modo como a mãe pergunta por Beto e a maneira como o filho lhe responde abre a hipótese de que poderia tratar-se de uma relação homossexual. Pela forma como o filho reage podemos perceber que, assim como acontece com as questões relativas aos sintomas da doença, uma possível relação homossexual também é um tema que ele deseja evitar.

O estigma é assim o tema principal neste conto e é a principal causa da solidão do personagem principal, que no final da história se vê novamente sozinho, numa cozinha decadente, olhando-se no espelho, vendo as consequências da doença. É a doença, o medo da morte, a solidão e a ansiedade que remetem ao atributo “horrível” desta história no título do conto.<sup>146</sup>

Neste conto, assim, Caio Fernando Abreu abriu um novo tema na literatura brasileira, da doença de AIDS/HIV que, sendo chamada de “câncer gay”, era conectada com a comunidade LGBT e contribuía, infelizmente, para uma maior estigmatização e exclusão de pessoas de orientação homossexual.<sup>147</sup> Através desta narrativa, o autor nos aproximou da realidade dos

---

<sup>145</sup> Ibid. 19.

<sup>146</sup> Souza, Ibid. 60.

<sup>147</sup> Marília Borborema Rodrigues Cerqueira, Anne Lara Pereira Clementino, Bruna Dias, “HIV/AIDS, estigma e saúde: o combate à discriminação no julgamento da ADI N° 5543”, em *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Uberlândia* (Setembro 2021), 162.

homossexuais que conviviam e convivem com a doença, procurando evidenciar os sentimentos relacionados a ela, como vergonha, constrangimento, solidão e medo da morte.

## 7. Conclusão

O objetivo principal desta tese foi analisar os elementos do homoerotismo em cinco contos escolhidos do autor brasileiro Caio Fernando Abreu. Nomeadamente, esta análise concentrou-se nos contos “Caçada” e “Uma história de Borboletas” da coletânea *Pedras de Calcutá* (1996), “Além do ponto” e “Terça-feira gorda” do livro *Morangos Mofados* (1982), e “Linda, uma história horrível” da coletânea *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988). Esta tese pôs ênfase na análise do modo e do estilo específico pelo qual os personagens homossexuais são retratados nessas narrativas, abordando-as também em relação ao contexto da ditadura militar, em que foram escritas e publicadas.

O início da parte teórica da tese dedica-se à explicação dos termos essenciais para a problemática em questão, como “gay” e “queer”, bem como à apresentação básica dos estudos gay e queer. Esta parte foca sobretudo na análise do estudo *História da sexualidade* (1978, 1985, 1986) de Michel Foucault, que fornece um amplo resumo da percepção das sexualidades desde o século XVIII, quando iniciaram as discussões sobre a sexualidade. Vimos que ao longo dos séculos XVIII e XIX, a sexualidade não era conectada à identidade mas apenas a práticas sexuais, e que a homossexualidade era percebida como um desvio moral, sendo por isso proclamada ilegal.

Na parte a seguir analisamos os movimentos e engajamentos sociais mais importantes, que lutavam pelos direitos das minorias sexuais, nos Estados Unidos da América e no Brasil. Apontamos para as associações, grupos e periódicos que contribuíram para a destabuização da homossexualidade e para a melhoria da vida da comunidade LGBT nestes dois países. Dentre eles sublinhamos as atividades do grupo brasileiro “Somos” e do jornal “Lampião da Esquina”.

Seguidamente, apresentamos um breve panorama da história da literatura gay no Brasil, destacando alguns autores e obras mais importantes deste género, com o objetivo de



aproximar o modo como a temática homoerótica e os personagens homossexuais têm sido retratados na literatura brasileira. No final da parte teórica, fornecemos uma apresentação da vida e da obra de Caio Fernando Abreu, com ênfase na descrição dos temas principais das suas narrativas.

O primeiro conto analisado, “Uma história de Borboletas”, representa, sem dúvida, uma crítica ao regime político do governo militar, retratando a vida dos homossexuais durante esses tempos sombrios da história brasileira. Primeiro, esboçamos as possíveis leituras do conto, mostrando que a ambiguidade é um dos traços típicos da obra de Caio Fernando Abreu. Vimos que através da temática da loucura, o autor nos apresenta o conflito entre os homossexuais e a política repressiva e discriminatória da ditadura, evidenciando assim a influência negativa do regime na vida das minorias sexuais.

Mostrámos que o autor aborda no conto o tema da vigilância extrema dos homossexuais, por parte das autoridades estatais mas também pela própria sociedade. Sugerimos que no conto a vigilância pudesse ter como resultado uma isolamento completa e a possível autocensura dos personagens homossexuais, que os levou à loucura e à internação no hospício. O autor utilizou o motivo das borboletas para se referir à homossexualidade, salientando assim o desejo da fuga da realidade opressora e a necessidade da liberdade. Baseando-nos nas teorias de Foucault, demonstramos que o motivo das borboletas serve também para ilustrar como a sociedade brasileira tratava os indivíduos que fugiam das normas pré-definidas.

À realidade cruel, em que viviam os homossexuais durante o período da ditadura, refere-se também o segundo conto analisado, “Caçada”. Neste conto, salientamos a descrição explícita pela qual o autor nos apresenta a vida dos homossexuais durante os anos de chumbo, fortemente marcada pela violência física e psicológica. Vimos que Caio Fernando Abreu tentou destacar o fato que, apesar da política repressiva e discriminatória direcionada aos homens homossexuais, eles próprios tentavam levar uma vida normal nos locais que eram

considerados como seguros. Além dos personagens homossexuais, deparamos com o personagem do travesti que o autor utilizou para realçar a atitude ambígua da sociedade brasileira em relação às minorias sexuais. Nesse conto, o autor aponta para a violência física contra os homens homossexuais e para o comportamento paranóico dos homossexuais que se sentiam ameaçados pelos próprios homossexuais.

A questão da ambiguidade da sociedade brasileira, em relação à temática carnavalesca, é abordada também no conto “Terça-feira gorda”. Neste conto, o autor deu aos homossexuais muita visibilidade, através do retrato bastante pormenorizado dos atos íntimos entre dois homens, captado por meio de diversas metáforas. Salientamos o fato que o conto foi escrito na altura quando os homossexuais eram tabuizados e perseguidos na sociedade brasileira. Simultaneamente, realçamos o modo como o autor utilizou a temática carnavalesca para descrever a situação paradoxal na sociedade brasileira, mostrando que, apesar de ela proclamar, pelo menos no período carnavalesco, o direito à diversidade e liberdade, era no fundo profundamente intolerante em relação a comportamentos que se desviavam dos padrões heteronormativos.

No conto “Além do Ponto” também analisamos a ambiguidade da expressão. Mostramos que não sabemos se o protagonista está a caminho da casa do homem com quem realmente tem uma relação amorosa, ou se esta relação entre eles já tinha terminado, ou se ela foi apenas o produto da imaginação do personagem principal. Deste modo, analisamos aqui outro tema que Caio Fernando Abreu explorou nas suas obras, que é a fragmentação e o conflito interior, os dois encontrados no personagem principal. Esta fragmentação do personagem é vista como o produto do medo da rejeição, do medo de se assumir como homossexual.

O último conto analisado, “Linda, uma história horrível”, explora um novo tema trazido por Caio Fernando Abreu à literatura brasileira, que é da doença de AIDS/HIV. Neste conto vimos que o tema da homossexualidade não representa o tema central, mas é tratado nas entrelinhas, associado ao tema da AIDS/HIV. O tema central do conto é a tabuização dessa

doença que levou a ainda maior estigmatização da comunidade LGBT, pelo fato de a comunidade ter sido associada à doença, que era até denominada de “cancêr gay”. Em comparação com os contos anteriores, neste conto não observamos uma linguagem explícita sobre a homossexualidade e a AIDS. Podemos até dizer que Caio Fernando Abreu utilizou diálogos dos quais mesmo dá para sentir a tabuização e o estigma associados à doença e à homossexualidade.

Para concluir, vimos que Caio Fernando Abreu representa uma testemunha do seu tempo e que retratou por dentro e com muita credibilidade a vida cotidiana dos homossexuais durante os anos da política repressiva do Estado. Em seus contos ele abriu e abordou vários temas relativos à homossexualidade, o que, para a dada época, representava uma ruptura com o cânone literário brasileiro.

## Resumo em eslovaco

Hlavnou témou tejto práce sú prvky homoerotizmu vo vybraných poviedkach brazílskeho autora Caia Fernanda Abrea – “Caçada”, “Uma história de Borboletas”, “Além do ponto”, “Terça-feira gorda” a “Linda, uma história horrível”. Hlavným cieľom práce je zanalyzovať spôsob, akým je otázka homoerotizmu vo vybraných poviedkach vyobrazená, takisto aj témy s ním súvisiace, ako napríklad predsudky, diskriminácia, nenávisť, násilie alebo AIDS.

V úvode teoretickej časti práce sú vysvetlené základné ale zároveň kľúčové termíny ako gay a queer a následne je poskytnutý historický prierez gay a queer štúdií pre lepšie pochopenie problematiky. Takisto sú spomenuté aj najznámejšie a najdôležitejšie štúdie zaoberajúce sa sexualitami. Ďalej sa práca venuje aj samotnej kultúre LGBT komunity v Spojených štátoch amerických a v Brazílii, pričom práca sa snaží poukazovať predovšetkým na historický a spoločenský kontext, menovite vojenskú diktatúru, počas ktorej boli vybrané poviedky autora publikované. Na konci teoretickej časti ponúkame sumár fundamentálnych diel brazílskej literatúry, v ktorých sa téma homoerotizmu objavuje a následne sa venujeme životu a tvorbe Caia Fernanda Abrea.

Praktická časť sa venuje práve už spomenutej analýze homoerotických prvkov vo vybraných poviedkach. V tejto časti sa snažíme poukázať predovšetkým na autorov osobitý štýl zobrazenia homosexuálov a explicitný spôsob vyobrazenia reality, s ktorou sa homosexuáli stretávali na dennodennej báze, a to diskriminácie, tabuizovania, násilia no takisto aj stigmatizácie nie len samotnej LGBT komunity, ale aj tém ako napríklad AIDS/HIV. Čiastkovým cieľom praktickej časti je aj analyzovať vplyv politického režimu na autorovu tvorbu.

## Bibliografia

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. Rio de Janeiro: Agir Editora Ltda, 2005.
- ABREU, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ABREU, Caio Fernando. *Pedras de Calcutá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ALTMAN, Dennis. "Taking Gay Studies Seriously". Em *The Australian Quarterly* 58, n. 1 (Outono 1986). 86-91.
- AZEVEDO, Guilherme Zubaran de. "História e literatura: as vozes de uma geração nos contos de Caio Fernando Abreu". Em *Oficina do Historiador*, v. 3, n. 2 (Agosto 2011). 126-140.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- BAYER, Ronald. *Homosexuality and American Psychiatry: The Politics of Diagnosis*. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- BÉRUBÉ, Allan. *Coming Out Under Fire: The History of Gay Men and Women in World War Two*. New York: New York: The Penguin Group, 1990.
- BIZELLO, Aline Azeredo. "Caio Fernando Abreu e a ditadura militar no Brasil". Em *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas Dossiê: a literatura em tempos de repressão*. v. 1 (Junho 2005). 1-11.
- BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. "Violência e resistência em "Terça-feira gorda", de Caio Fernando Abreu". Em *Caderno Seminal Digital*, ano 20, n. 21, v. 21 (Janeiro 2014). 216-232.
- CAMINHA, Adolfo. *Um Bom-Crioulo*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2007.
- CAPADÓCIO, Maluco. *O Menino Do Gouveia*. Rio de Janeiro: Casa Editora Cupido & Companhia, 2021.
- CAPUCHO, Luís. *Cinema Orly*. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.
- CARVALHO, Giovanna Sequinel Pacheco de, SILVA, Salua Iara da, CAMARGO, Luiz Rogério. "A homoafetividade em *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu". Em *Memorial TCC – Caderno da Graduação* (2020). 107-138.
- CASTELLO, José. *Não quero me encaixar em prateleiras: entrevista*. São Paulo 9 de dezembro 1995.
- CASTLE, Terry. *The Literature of Lesbianism: A Historical Anthology From Ariosto To Stonewall*. New York: Columbia University Press, 2003.
- CAYANN, Nicollas, CANTO, Daniela Schwarcke do. "A doença sem nome: Traduzindo Caio Fernando Abreu". Em *Signo, Santa Cruz do Sul* v.46, n. 87 (Agosto 2021). 136-144.
- CERQUEIRA, Marília Borborema Rodrigues, CLEMENTINO, Anne Lara Pereira, DIAS, Bruna. "HIV/AIDS, estigma e saúde: o combate à discriminação no julgamento da ADI N° 5543". Em *Revista da Faculdade de Direito da UniverAIDS de Federal da Uberlândia* (Setembro 2021). 161-190.
- CHAUNCEY, George. *Gay New York: gender, urban culture, and the makings of the gay male world, 1890-1940*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- CLEMENTS, Ben, FIELD, Clive D. "The Polls—Trends: Public Opinion Toward Homosexuality And Gay Rights In Great Britain". Em *The Public Opinion Quarterly* 78, n. 2 (Verão 2014). 527-547.
- CORRALES, Javier. "The Politics of LGBT Rights in Latin America and the Caribbean: Research Agendas". Em *European Review of Latin American and Caribbean Studies / Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y Del Caribe*, n. 100 (Dezembro 2015). 53-62.

Dicionário Online Priberam de Português. Disponível em: [Dicionário Priberam da Língua Portuguesa](#) (Acesso em 6 de Maio 2024)

FADERMAN, Lillian, STUART, Timmons. *Gay L.A.: a history of sexual outlaws, power politics, and lipstick lesbians*. New York: Basic Books, 2006.

Federal Bureau of Investigation. Hate Crimes Accounting. Annual hate Crimes Report. 10 de Dezembro, 2012.

FEE Elisabeth, FOX, Daniel M. *AIDS: The Making of a Chronic Disease*. Oxford, Oxford University Press, 1992.

FERNANDES, Alessandra Leila Borges Gomes, RHAYNAN, Yago. “Loucura ensimesmada: a outra história das borboletas”. Em *Vitória*, n. 40 (Novembro 2021). 361-381.

FOUCAULT, Michel. *The history of sexuality*. New York: Pantheon Books, 1978.

GONELLA, Carolina Castellanos. “Beautiful male bodies: gay and male homoerotic relationships in Caio Fernando Abreu’s ‘Morangos mofados’”. Em *Chasqui* 44, n. 2 (Novembro 2015). 272-286.

GREEN, James N. “The Emergence of the Brazilian Gay Liberation Movement, 1977-1981”. Em *Latin American Perspectives* 21, n. 1 (Riverside: Latin American Perspectives, 1994). 38-55

GREEN, James N. *Além do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

GREEN, James N., RENAN, Quinalha. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

HENRIQUE, Santos. ““ACTING OUT OF FEAR”: Queer Resistance During the Military Dictatorship in Brazil”. Em *QueerScope Articles* (Janeiro-Fevereiro 2023). 16-32.

HEREK, Gregory M. “Beyond Homophobia“. Em *Journal of Homosexuality* (Outubro 1984). 10.

JÚNIOR, Arnaldo F. “Intolerância Tropical: homossexualidade e violência em Terça-Feira Gorda, de Caio Fernando Abreu”. Em *Expressão*, n. 1 (Janeiro-Junho 2000). 91-96.

KINSEY, Alfred, POMEROY, Wardell B., CLYDE, Martin E. *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1948.

LEBKUCHEN Jessé Carvalho, SPAREMBERGER Alfeu. “Perspectivas narrativas acerca da homossexualidade masculina na literatura brasileira: da história à contemporaneidade”. Em *Redes, conexões e memória: os espaços da mídia, literatura e cultura* (Dezembro 2020). 51-77.

MAGRI, Milena Mulatti. “Loucura e repressão política e social em Caio Fernando Abreu”. Em *Web Revista Linguagem, Educação e Memória*, n.14, v. 14 (2018). 70-82.

MAGRI, Milena Mulatti. “Sujeito, cidade e experiência urbana em Caio Fernando Abreu”. Em *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, v. 12 (Junho 2008). 100-111.

NASCIMENTO, Jo, MELO, Cyro Roberto de. “Caio Fernando Abreu: a literary biography”. Em *JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education*. v. 3, n. 1 (Junho 2020). 22-27.

NIELS, Karla. “Narrativa fantástica: questão de leitura? ”. Em *A Cor das Letras*, n. 15 (Fevereiro, 2017). 75-89.

OLIVEIRA, Rubenil da Silva, SIMÕES Maria do Perpétuo Socorro Galvão. “Representações da homofobia nos contos “Terça-feira gorda” e “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu”. Em *Web revista linguagem, educação e memória*, n. 14, v. 14 (Outubro 2018). 20-36.

PENN, Donna, IRVINE, Janice. “Gay/Lesbian/Queer Studies”. Em *Contemporary Sociology* 24, n. 3 (Maio 1995). 328-330.

- QUINALHA, Renan. “O mito fundador de Stonewall”. Em *Revista Cult*, v. 22, n. 246 (Junho 2019). 18-20.
- RUBIN, Gayle S. *Deviations: A Gayle Rubin Reader*. Durham: Duke University Press, 2011.
- SANTOS Ana Cristina. “Estudos queer: Identidades, contextos e acção colectiva”. Em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 76 (Março 2006). 3-15.
- SANTOS, Ana Cristina. “Estudos queer: Identidades, contextos e acção colectiva”. Em *Revista Crítica de Ciências Sociais* (Dezembro 2006). 91-108.
- SANTOS, Thaís Lydia dos, ARAGÃO, Maria Fernanda Garbero de. “O (des)concerto do afeto: uma leitura de Além do ponto de Caio Fernando Abreu”. Em *Cadernos do CNLF*, v. 9, n. 5 (Janeiro 2011). 2144-2148.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. “A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos”. Em *Revista Leitura* (Junho 2013). 15-66.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. “A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si Literatura homoerótica e escritas de si”. Em *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 36. (Março 2014). 61-71.
- SILVA, Dinair de Fonte. “Além do ponto: o irremediável amor”. Em *Jangada: Colatina/Chicago*, n. 7 (Junho 2016). 123-144.
- SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da, CARVALHO, Tamiris Aparecida Apolinária de. “O homoerotismo na perspectiva da literatura brasileira”. Em *Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades* (Junho 2015). 1-13.
- SLADE, Joseph P. “Eroticism and Technological Regression: The Stag Film”. Em *History and Technology: an International Journal* (Março 2006). 27-52.
- SOUZA, Rosiene Almeida. “A solidão nos contos de Caio Fernando Abreu”. Em *Signo, Santa Cruz do Sul*, v. 27, n. 42 (Setembro 2002). 37-62.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- VALENCIANO, Flávia Merighi. “O tema da homossexualidade em João Antônio e Caio Fernando Abreu”. Em *Revista Crioula*, n. 4 (Novembro 2008). 1-13.
- VENTURA, Alichelly Carina Macedo, POZZETTI, Valmir César. “O Direito De Ser Eu Mesmo: Os Direitos Dos Homossexuais No Ordenamento Jurídico Nacional E Internacional”. Em *Direitos Humanos e Políticas Públicas de Gênero*, v. 8, n. 3. (Agosto 2019). 1-20.
- WEBB, Hannah, PALMEIRA, Raquel Nunes. “Bolsonaro: Trump of the tropics Hannah”. Em *Socialist Lawyer*, n. 80 (Outubro 2018). 18-23.
- WESTON, Kath. “Lesbian/Gay Studies in the House of Anthropology”. Em *Annual Review of Anthropology*, n. 22 (1993). 339-367.
- WHITTINGTON, Karl. “Queer”. Em *Studies in Iconography* 33 (Janeiro 2012). 157-168.
- WOODMAN, Brian. “Why Don’t You Take Your Dress Off and Fight Like a Man? : Homosexuality and the 1960s Crisis of Masculinity in ‘The Gay Deceivers’”. Em *Social Thought & Research* 26, n. 1/2 (Abril 2005). 83-102.

**Anotação em português:**

<b>Autor:</b>	Michael Mačica
<b>Faculdade e Departamento:</b>	Faculdade de Letras, Departamento das línguas românicas
<b>Título da tese:</b>	O homoerotismo em contos escolhidos de Caio Fernando Abreu
<b>Orientador da tese:</b>	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
<b>Número de caracteres:</b>	122 085
<b>Número de anexos:</b>	0
<b>Número de referências bibliográficas:</b>	60
<b>Palavras-chaves:</b>	Caio Fernando Abreu, homoerotismo, literatura gay, discriminação, repressão, AIDS, violência, movimentos, homofobia, preconceitos
<b>Caracterização breve da tese:</b>	Esta tese de mestrado pretende analisar elementos de homoerotismo em contos selecionados do autor brasileiro Caio Fernando Abreu. O objetivo da tese é analisar a forma como é retratada a questão do homoerotismo e temas a ele relacionados, como os preconceitos, a discriminação, o medo de se assumir ou a AIDS. Um dos objetivos parciais do trabalho é analisar a influência do regime político na obra do autor.



**Abstract in English**

<b>Author:</b>	Michael Mačica
<b>Faculty and Department:</b>	Faculty of Arts, Department of Romance languages
<b>Title of the thesis:</b>	Homoeroticism in Caio Fernando Abreu's Short Stories
<b>Supervisor:</b>	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
<b>Number of characters:</b>	122 085
<b>Number of appendices:</b>	0
<b>Number of bibliographical references:</b>	60
<b>Key Words:</b>	Caio Fernando Abreu, homoeroticism, gay literature, discrimination, repression, AIDS, violence, movements, homophobia, prejudice
<b>Short characteristic of the thesis:</b>	This master's thesis aims to analyze elements of homoeroticism in selected short stories by Brazilian author Caio Fernando Abreu. The objective of the thesis is to analyze the way in which the issue of homoeroticism and related themes are portrayed, such as social prejudice, discrimination, fear of coming out or AIDS. One of the partial objectives of the work is to analyze the influence of the political regime on the author's work.